



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

THAÍS CARVALHO DE AGUIAR

**A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO:
Percepções das professoras de um Centro de Educação Infantil em
Itaituba-PA**

ITAITUBA – PA
2023

THAÍS CARVALHO DE AGUIAR

**A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO:
Percepções das professoras de um Centro de Educação Infantil em
Itaituba-PA**

Monografia de graduação apresentada ao Curso de
Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do
título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora:
Profª Dra. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA – PA

2023

AGUIAR, Thaís Carvalho de.

A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO: Percepções das professoras de um Centro de Educação Infantil em Itaituba-PA / THAÍS CARVALHO DE AGUIAR - Itaituba: CLPP da FAI, 2023.

64 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2023.

Orientadora: Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Dra.

1. Autismo. 2. Inclusão Escolar. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2023.

THAÍS CARVALHO DE AGUIAR

**A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO:
Percepções das professoras de um Centro de Educação Infantil em
Itaituba-PA**

Monografia de graduação apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia, sob a orientação da Profª Dra. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora/Presidente da banca: _____ Nota: _____

Profª Dra. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof. Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Avaliadora: _____ Nota: _____

Profª Esp. Edilane da Silva Melo

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 04 de abril de 2023.

À minha família, em especial à minha mãe, Ana Maria Carvalho, a meu pai, Francisco Rodrigues, a minha irmã, Laís Carvalho e prima, Agda Mayane Carvalho, pelo amor, carinho e estímulo que me ofereceram. Dedico-lhes essa conquista como gratidão!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, e em seguida, a minha família, em especial a minha mãe, **Ana Maria dos Santos Carvalho**, ao meu pai, **Francisco Rodrigues das Neves**, pelo incentivo e apoio em todas as etapas da minha vida. Minha gratidão também a minha irmã, **Laís Carvalho das Neves**, por incentivar, orar e garantir que minhas forças não se esgotassem nesse objetivo. Obrigada por tudo.

Eternamente agradecerei ao meu padrinho, **Anael Pereira** e madrinha, **Maria das Graças Pereira**, a minha prima, **Agda Mayane Carvalho** por todas as vezes que se preocupavam, pelo amor, carinho e força. Assim, minha gratidão também aos outros dois filhos do casal.

A minha querida avó, **Albertina Carvalho**, e todos meus outros familiares e amigos que de certa forma contribuíram com esse sonho. Muito obrigada pela compreensão, apoio e carinho por parte de todos.

A minha orientadora Prof^a Dra. **Elina Renilde de Oliveira Ribeiro**, pela paciência, amizade, incentivo, apoio e instrução em uma das etapas mais difíceis da minha vida. E por alimentar ao mesmo tempo minha paixão pela Educação, pois obtive através dessa experiência um novo olhar sobre o TEA e também proporcionar grandes lições para vida.

Para todos os professores do curso de Pedagogia minha eterna gratidão por fazerem parte do meu desenvolvimento, vocês serão como exemplos de profissionais para toda a vida e buscarei ser exemplo nessa nova jornada que se inicia.

As minhas colegas do curso de Pedagogia, **Aline Abreu**, **Luanne Quintero**, **Lidiane Santana**, **Wanessa Thays**, **Fernanda Souza** e **Natalia Santos**, minha gratidão por toda ajuda e companheirismo. Acredito no potencial de vocês! Em especial, as minhas amigas **Dayane Nogueira** e **Jaíne Santos dos Reis**, toda a minha gratidão por trocas de experiências e fatos relevantes ao crescimento docente. Por fim, espero muito que todas vocês minhas amigas realizem suas metas, minha eterna gratidão!

Toda minha gratidão ao CMEI Hanna Olinda Lima de Souza, ao Diretor Prof. **Milanês Costa** por me acolher e estar apto a ajudar, e a todos os participantes que colaboraram nesta pesquisa.

Incluir não é só integrar [...] Não é estar dentro de uma sala onde a inexistência de consciencialização de valores e a aceitação não existem. É aceitar integralmente e incondicionalmente as diferenças de todos, em uma valorização do ser enquanto semelhante a nós com igualdade de direitos e oportunidades. É mais do que desenvolver comportamentos, é uma questão de consciencialização e de atitudes (CAVACO, 2014, p. 31).

RESUMO

Este estudo objetivou analisar o processo de inclusão da criança autista e as práticas dos professores em relação a essa inclusão, de modo a compreender como ocorre esse processo no contexto de inclusão escolar. Na educação são visíveis os desafios que são encontrados durante o ato da inclusão escolar. Evidencia-se na realidade das escolas brasileiras, a falta de materiais, espaços e profissionais capacitados e treinados para atender a uma demanda que exige atenção no dia a dia, que são os alunos com deficiência e/ou transtornos diversos. Dessa forma, outros fatores que impedem que a inclusão escolar de forma satisfatória, são as escolas tem a sala superlotada, o que impossibilita que o professor der uma atenção individual à criança autista. Como procedimento metodológico, este estudo utilizou a pesquisa bibliográfica com a fundamentação de diversos autores que tratam do tema da inclusão escolar. Desse modo, na realização da pesquisa de campo foi direcionado um questionário aos professores de um Centro de Educação Infantil de Itaituba para observar e analisar a prática pedagógica do docente ao atender a criança autista. Assim, as estratégias identificadas neste processo de aprendizagem realizadas pelos professores pesquisados são: danças, painéis sensoriais, atividades adaptadas, e uma rotina para que a o aluno com TEA tenha um aprendizado. Como resultado observou-se que no Centro de Educação Infantil as ações desenvolvidas para criar um ambiente acolhedor e inclusivo são descritos pelas professoras na realização de um planejamento adaptado e projetos que possibilitem a socialização e integração das crianças da Educação Infantil.

Palavras-Chaves: Autismo. Inclusão Escolar. Educação Infantil.

ABSTRACT

This present study aimed to analyze the process of inclusion of autistic children and the practices of teachers in relation to this inclusion, in order to understand how this process occurs and the feelings experienced by them, by their teachers and by the families in this context of inclusion. school. In education, the challenges that are encountered during the act of school inclusion are visible. It is evident in the reality of Brazilian schools, the lack of materials, spaces and qualified and trained professionals to meet a demand that requires attention on a daily basis, which are students with disabilities and/or various disorders. In this way, other factors that prevent school inclusion in a satisfactory way are the schools with overcrowded classrooms, which makes it impossible for the teacher to give individual attention to the autistic child. As a methodological procedure, this study used bibliographical research based on several authors who deal with the theme of school inclusion. Thus, in carrying out the field research, a questionnaire was directed to the teachers of an Early Childhood Education Center in Itaituba to observe and analyze the teacher's pedagogical practice when assisting autistic children. Thus, the strategies identified in this learning process carried out by the researched teachers are: dances, sensory panels, adapted activities, and a routine so that the student with ASD has a learning experience. As a result, it was observed that in the Early Childhood Education Center, the actions developed to create a welcoming and inclusive environment are described by the teachers in carrying out an adapted planning, projects that are developed so that there is the inclusion of students with disabilities.

Keywords: Autism. School inclusion. Child education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfil dos entrevistados.....	46
Quadro 2. Avaliação do trabalho docente frente à inclusão.....	49
Quadro 3. Recepção do aluno com TEA na escola.....	50
Quadro 4. Opiniões dos docentes quanto à dificuldade de elaborar o planejamento.....	51
Quadro 5. Encaminhamento e diagnóstico do aluno autista.....	52
Quadro 6. Estratégias pedagógicas adotadas pelas docentes.....	54
Quadro 7. Estimativa do desenvolvimento do aluno com TEA.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA E A FORMAÇÃO DOCENTE.....	12
1.1 ABORDAGEM HISTÓRICO-CONCEITUAL DO TEA.....	12
1.2 PRINCIPAIS TEORIAS ACERCA DO AUTISMO.....	18
1.3 TEA E A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES.....	23
2 OLHARES PEDAGÓGICOS DA INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR.....	29
2.1 PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO.....	29
2.2 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DE ATENDIMENTO AO ALUNO COM TEA.....	34
2.3 DESAFIOS DA ESCOLARIZAÇÃO DO AUTISTA NO ENSINO REGULAR.....	39
3 A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO: PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM ITAITUBA-PA.....	45
3.1 METODOLOGIAS ADOTADAS.....	45
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA.....	47
3.3 PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS.....	48
3.4 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICE.....	63

INTRODUÇÃO

A Educação é algo transformador e essencial para todo ser humano, pois possibilita que o ser humano vá além do seu pequeno horizonte. Sem o ato de educar a humanidade não iria a um nível superior em busca de inovações e respeito em coletividade. Deste modo, observando o vasto campo de educação encontra-se a Educação Escolar Inclusiva que se refere a uma proposta de ensino que promove a igualdade dentro da escolarização de crianças, jovens e adultos com diferentes transtornos.

Este estudo objetivou analisar o processo de inclusão da criança autista e as práticas dos professores em relação a essa inclusão, de modo a compreender como ocorre esse processo no contexto de inclusão escolar.

Na educação são visíveis os desafios que são encontrados durante o ato da inclusão escolar. Evidencia-se na realidade das escolas brasileiras, a falta de materiais, espaços e profissionais capacitados e treinados para atender a uma demanda que exige atenção no dia a dia, que são os alunos com deficiência e/ou transtornos diversos. Dessa forma, outros fatores que impedem que a inclusão escolar de forma satisfatória, são as escolas tem a sala superlotada, o que impossibilita que o professor der uma atenção individual à criança autista.

A participação dos pais é um fator contribuinte para que os resultados da inclusão sejam adquiridos, muitas vezes, não ter uma participação ativa no desenvolvimento escolar de seu filho, é um problema tanto para os professores como para a escola que procura a participação de todos neste processo de desenvolvimento.

Com base nisto, levantou-se alguns questionamentos que nortearão a investigação dessa temática de forma a buscar respostas como: Os professores da Educação Infantil se sentem capacitados para atender de forma satisfatória uma criança com TEA? Quais são as ações educativas desenvolvidas pelo Centro de Educação Infantil de modo a criar um ambiente acolhedor e inclusivo à criança com autismo? Quais as dificuldades que os professores encontram no desenvolvimento da aprendizagem da criança autista?

Como procedimento metodológico, esta pesquisa foi pautada numa abordagem qualitativa, que possibilitou um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma serie de vantagem. Assim, também foi

utilizada a pesquisa bibliográfica com o estudo de diversos autores que tratam do tema da inclusão escolar como: Almeda e Albuquerque (2017), Carvalho, Souza e Carvalho (2014), Klin (2006), Stock (2018), Colaço (2018), Donovan e Zucker (2017), Fernandes (2017), Liberalesso e Lacerda (2009), dentre outros autores. Desse modo, na realização da pesquisa de campo foi direcionado um questionário aos professores de um Centro de Educação Infantil de Itaituba para observar e analisar a prática pedagógica do docente ao atender as crianças autistas.

Sob essa linha de raciocínio o estudo encontra-se dividido em três capítulos, sendo assim que primeiramente coube pesquisar questões do Transtorno de Espectro Autista (TEA) quanto a uma abordagem histórica, suas principais características, o diagnóstico, as teorias que acercam o autismo. Em seguida, o próximo capítulo compreende-se perceber o papel da escola na inclusão da criança autista, assim ressaltando as estratégias dos educadores no atendimento ao aluno com TEA e os desafios da escolarização do autista no ensino regular.

Por fim, ao último capítulo encontram-se as percepções das professoras em realizar atendimento ao aluno com autismo, esclarecendo também a contextualização do CMEI Hanna Olinda Lima De Souza, local este realizado a pesquisa de campo com as professoras. Contudo, destacando principalmente o serviço educacional da escola, sua missão, os profissionais que estão ligados a praticar a educação inclusiva e com o mesmo objetivo de: realizar a aprendizagem do aluno com TEA com respeito e qualidade.

1 TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA E A FORMAÇÃO DOCENTE

1.1 ABORDAGEM HISTÓRICO-CONCEITUAL DO TEA

O termo Transtorno de Espectro Autista (TEA) recorrentemente estar aparecendo nas falas dos professores, psicólogos e os demais profissionais que estão fazendo seu trabalho na Educação Infantil, pois tais profissionais precisam estar atentos e fazem análises acima dos comportamentos das crianças nesta etapa inicial de encontro com o ensino.

A partir deste pensamento, procura-se compreender que o TEA também conhecido pela sua dominação antiga: autismo é classificado pelo DSM-IV-TR (Associação Psiquiátrica Americana – APA, 2002) como um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por uma evolução acentuada e anormal da interação social e da comunicação.

Vale ressaltar que o termo Autismo foi utilizado pela primeira vez por Eugen Bleuler em 1911, um dos primeiros psiquiatras a realizar estudos acima dos comportamentos das crianças.

Num primeiro momento Bleuler (1911) descreveu a esquizofrenia como um transtorno dividido em quatro tipos clínicos (os 4 As de Bleuler) identificados como: associação, afeto embotado, ambivalência e autismo. Esse último tipo, na época, como o extremo da esquizofrenia. Ele chamava de autismo ao desligamento da realidade combinado com a predominância relativa ou absoluta da vida interior (ALMEDA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 02).

O suíço psiquiátrico Eugen Bleuler realizando estudos usou o termo autista para designar uma psicose infantil em que a criança se encontrava recolhida em seu próprio mundo a fim de evitar o mundo em que estava vivenciando. No entanto, o psiquiátrico tinha como ideia que o mundo autístico das pessoas com a deficiência era tão verdadeiro quanto ao mundo real.

Comparando-se as definições atuais do autismo e as que Eugen Bleuler designava naquele período de estudos, percebe-se que ele apresentava um conceito muito radical de pacientes que viviam uma situação de total ausência do mundo real. Considerando esses aspectos o estilo social dos autistas foi denominado “ativo, mas estranho”, partindo-se de que eles geralmente têm dificuldade de ter interação social

após essa ter começado, e prefere às vezes se encontrar no próprio mundo deles (KLIN, 2006).

No entanto, o termo Autismo só ganhou mais impacto e importância nos estudos realizados por outro psiquiatra, conhecido como Leo Kanner em 1943, que através de estudos com crianças ressaltou o fato das mesmas ter características, que antes ainda não tinha sido estudado pela comunidade acadêmica.

Kanner também observou respostas incomuns ao ambiente, que incluíam maneirismos motores estereotipados, resistência à mudança ou insistência na monotonia, bem como aspectos não-usuais das habilidades de comunicação da criança, tais como a inversão dos pronomes e a tendência ao eco na linguagem (ecolalia). Kanner foi cuidadoso ao fornecer um contexto de desenvolvimento para suas observações (KLIN, 2006, p. 02).

As onze crianças (oito meninos e três meninas) que estavam presentes neste estudo apresentava segundo Kanner características como pouca socialização com pessoas ao seu redor, tardo na fala, também se demonstrava interesses peculiares e seus comportamentos tinham movimentos repetitivos.

Segundo Donvan e Zucker (2017), os primeiros estudos foram realizados no ano de 1943 quando Kanner publicou um artigo “Distúrbio Autista do Contato Afetivo”, assim, resume em uma obra que cita acontecimentos de um estudo realizado há quatro anos, sobre um registro clínico acima do quadro clínico de Donald Triplett, um menino identificado como Donald T., tendo comportamentos marcantes em seu comportamento quando apenas tinha dois anos de idade.

Donald T. tinha comportamentos ‘normais’ até dois anos de idade, quando começou a chamar a atenção dos seus pais por notável regressão do seu desenvolvimento como a falta de interesse em pessoas e objetos ao seu redor. Manifestou agressividade ao ter sua rotina alterada ou atividade interrompida, bem como, a falta de respostas às tentativas afetivas e crescente isolamento. Tais condutas despertaram a preocupação de sua família que, em busca de saber que mal havia acometido seu filho, sua mãe escreve uma carta de confissão descrevendo Donald como “irremediavelmente louco” (EVÊNCIO; FERNANDES, 2019, p. 134.).

Portanto, é notável que o comportamento da criança seja regressivo através das passagens dos anos, e os pais como uma base que convive todos os dias com as crianças, estão atentos para tentar compreender dificuldades e procurar explicações sobre os atos de personalidade “forte” que impermeiam a criança.

Diante da realidade os estudos atuais introduzem que o autismo é notável nos primeiros três anos de idade, normalmente os pais nos primeiros doze a dezoito meses por observarem o dia a dia da criança nota através do comportamento e na medida em que a linguagem não se desenvolve.

Vale ressaltar que no início do período histórico quando o autismo estava criando seus primeiros estudos, as famílias de bebês e crianças que se encontrava com características de TEA foram consideradas como “anormais” (termo comum utilizado na época). Assim, as famílias tinham incentivos por parte da sociedade para se desfazer delas, pois falavam que tais crianças eram aberrações, frutos dos pecados, consideradas uma vergonha para a família (EVÊNCIO; FERNANDES, 2019).

Desse modo, durante os anos 1950 e 1960 do século passado, houve muitas teorias e confusões acerca da verdadeira natureza do autismo e sua etiologia, assim umas das ideias que mais surgia no momento era a de que o autismo era causado por pais não emocionalmente responsivos a seus filhos (a hipótese da “mãe geladeira”).

A teoria da “mãe geladeira” afirmava que a culpa era da mãe, por elas serem “frias” e não darem a atenção que era necessária para seus filhos, apenas colocavam as crianças em frente a uma televisão no sentido de tapar os olhos para tudo aquilo que estava realmente acontecendo. Portanto, as mães esqueciam-se do que as crianças precisavam receber de sua autoria, que seria atenção, cuidados e respeito (KLIN, 2006).

Entretanto, quando as famílias se interessavam em estar aptos para compreender e ajudar seus filhos, os médicos eram rígidos e tentavam mudar os pensamentos dos familiares. Na maior parte do mundo, noções como estas foram dispensadas e outras evidências foram sendo reformuladas. Atualmente, termos que foram utilizados são denominados como crueldades, dessa forma estes termos não são mais corretos de utilizar e são totalmente descartados.

No entanto, para o período histórico ao qual estamos nos referindo, são termos médicos que foram empregados para determinar o desenvolvimento com funcionamento normal dos que não funcionavam dentro da normalidade esperada (EVÊNCIO; FERNANDES, 2019, p. 135.).

Conforme descrito o período histórico desencadeou alguns termos médicos considerados cruéis que mais tarde foram descontextualizados, como exemplos encontram-se os termos: “demente”, “maníaco”, “débil mental”. Desse modo, as crianças com a deficiência ou com o transtorno eram retiradas do seio familiar, algumas estavam sendo retiradas do meio social e levadas para asilos, instituições médicas com certas práticas ou hospitais. Essas instituições anteriormente mencionadas eram responsáveis por fazer manutenções nas vidas das pessoas com transtorno ou deficiência.

Seguindo a mesma linha de pensamento, observa-se que através desta pesquisa de Leo Kanner as famílias influenciavam e o conhecimento sobre o autismo teve um grande levantamento na sociedade. Deste modo, Kanner ressaltou a importante participação dos pais para que as características deste estudo fossem alcançadas, mesmo que a sociedade de certa forma intermediasse as famílias a optar por não ajudar seus bebês e crianças.

Utilizou-se para seu estudo a presença dos familiares das crianças, em especial as mães, que estavam com mais frequência no cotidiano e no aprendizado das crianças. Em decorrência deste fato, outros profissionais utilizam atualmente a participação dos familiares em seus estudos para compreender com facilidade o estudo acadêmico. O ponto especial deste ato englobou-se que através dos relatos dos familiares foi possível construir, analisar e propor formas de tratamento e intervenção para o fenômeno.

As descrições de Kanner foram rapidamente absorvidas pela comunidade científica. A abordagem etiológica do Autismo Infantil, proposta pelo autor, salientava a existência de uma distorção do modelo familiar, que ocasionaria alterações no desenvolvimento psico-afetivo da criança, decorrente do caráter altamente intelectual dos pais destas crianças. Apesar desta proposição, o autor não deixou de assinalar que algum fator biológico, existente na criança, poderia estar envolvido, Autismo infantil e a síndrome de Asperger uma vez que as alterações comportamentais eram verificadas precocemente, o que dificultaria a aceitação puramente relacional (TAMANAH; PERISSONOTO; CHIARI, 2008, p. 296).

O TEA reconhecido como um conjunto de comprometimentos desde a infância, para Kanner o diagnóstico passou a ser como Autismo Infantil e descreveu em uma sua publicação cujo nome é o “Tratado de Psiquiatria Infantil” denominando o transtorno de “Autismo Infantil Precoces”. Este material do psiquiatra Kanner pôde

apresentar o autismo com características como: sérias dificuldades de contato, interações e fixação ou por pessoas ou objetos.

É importante mencionar que a interação social de uma criança com desenvolvimento normal é evidente a partir do nascimento. O interesse da criança em socializar começa com mecanismos simples como atenção nas faces sorridentes, a atenção nas brincadeiras que levam as crianças a procurarem ter sorrisos e vozes agudas na tentativa de comunicar-se (KLIN, 2006). No entanto, em bebês e crianças jovens com autismo, a face humana possui pouco interesse, observam-se distúrbios no desenvolvimento da atenção conjunta, apego e outros aspectos da interação social como mencionado antes.

Após Kanner, o cientista Hans Asperger (1906 – 1980) através de suas primeiras pesquisas abordou características sobre as crianças que apresentavam o Autismo. Ressaltando que as crianças em suas características apresentavam retardo na linguagem, problemas sociais, preferiam articular em gestos obtendo algumas vezes movimentos repetitivos.

Cabe salientar que desconhecendo a descrição de Kanner do autismo infantil precoce publicado só um ano antes, Asperger denominou a condição por ele descrita como “psicopatia autística”, indicando um transtorno estável de personalidade marcado pelo isolamento social.

[...] Apesar de ter as habilidades intelectuais preservadas, as crianças apresentaram uma notável pobreza na comunicação não-verbal, que envolvia tanto gestos como tom afetivo de voz, empatia pobre e uma tendência a intelectualizar as emoções, uma inclinação a ter uma fala prolixa, em monólogo e às vezes incoerente, uma linguagem tendendo ao formalismo (ele os denominou “pequenos professores”), interesses que ocupavam totalmente o foco da atenção envolvendo tópicos não-usuais que dominavam sua conversação, e incoordenação motora (KLIN, 2006, p. 06).

No contexto das ideias acima expostas, Asperger desconheceu as descrições em que Kanner já tinha realizado, porém ambos foram os primeiros a estudarem crianças que eram rotuladas por seus problemas sociais, emocionais como “retardadas”. Contudo, enquanto Kanner centralizava ao autismo clássico, Asperger dedicava seus estudos na forma mais branda do distúrbio.

Asperger (1944) descreveu quadros mais leves de autismo, com predomínio masculino e com históricos familiares precedentes, acrescentou-se que os perfis nas

personalidades eram comuns, no entanto os indivíduos tinham um desenvolvimento elevado.

Utilizou inclusive a expressão – psicopatia autística – como se existisse um perfil comum de personalidade que tinha como característica a tendência ao isolamento social. Em seu estudo os indivíduos acometidos por este transtorno tinham QI's de normal a elevado, sem deficiência intelectual e tinham uma linguagem próxima do normal, apesar da mecanicidade. Eram pobres em empatia, intelectualizavam emoções sem saber expor o que sentiam e apresentavam falta de coordenação motora (ALMEDA, ALBUQUERQUE, 2017, p. 03).

Neste contexto, é necessário salientar que a Síndrome de Asperger está relacionada com o autismo, só possui outra denominação. Porém, Asperger acima das observações acima das características das crianças, o mesmo procurou mais a fundo ao distúrbio o que desenvolveu como Síndrome de Asperger (AS).

O trabalho do psiquiatra Asperger teve grande importância, pois designou sua tese que foi denominada apenas em 1981 como um tipo de Autismo de alto funcionamento, ou seja, as crianças possuem alguns problemas na área social, sua dificuldade é a interação, mas não possuem nenhum atraso ou retardo global do desenvolvimento cognitivo da linguagem (PERPRAZIO, 2009 *apud* CARVALHO; SOUZA; CARVALHO, 2014).

Em 1994, acima dos estudos e das características apresentadas pelas pessoas como: deficiência de interação social, dificuldade no momento de comunicação, comportamentos repetitivos e restritos, vivencia e experiências em seu próprio mundo, desencadeou-se classificações aos vários tipos de autismo como: Autismo clássico, Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtornos Invasivos de Desenvolvimento Sem Outras Especificações (TID-SOE).

A partir do DSM-V(2013) o autismo passa a ser descrito como Transtorno do Espectro Autista (TEA) - um transtorno espectral, dimensional, em que os seus sintomas podem estar presentes em quaisquer condições, em qualquer pessoa, em quadros leves ou moderados. A Síndrome de Rett foi retirada e a Síndrome de Asperger foi redimensionada como um Transtorno do Espectro Autista leve (ALMEDA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 03).

Em vista do que foi citado, percebe-se que o autismo já existia antes mesmo de ser pesquisado e diagnosticado por Kanner e suas concepções de estudos foram sendo descritas e revolucionadas acima de outras pesquisas. Contudo, no ano de 2013 o autismo conceituou-se como Transtorno do Espectro Autista (TEA) que

apresenta uma ordem de neurodesenvolvimento nas pessoas em diferentes níveis assim, classificando-se em níveis severos, moderados ou leves. Consequentemente, as pessoas com TEA necessitam de apoio para realizar atividades em seu dia a dia, então é necessário à família estar presente em quaisquer condições.

1.2 PRINCIPAIS TEORIAS ACERCA DO AUTISMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) mais conhecido como autismo, é um distúrbio no desenvolvimento humano que vem sendo estudado por diversos psiquiatras e por outros profissionais que estão por dentro do âmbito da ciência. Estes estudos estão sendo realizados por mais de seis décadas e mesmo assim seus diagnósticos e causas são questionamentos relativamente comuns a serem perguntados por aqueles que têm em sua família uma pessoa com TEA.

As perguntas “O que eu fiz? Como aconteceu isto? Eu poderia ter evitado?” são dúvidas das mães que tem filhos autistas que se preocupam em procurar por respostas para compreender todo aquele sentimento novo. Com base nisto é necessário comentar algumas teorias acerca do autismo que foram descartadas e descrever fatos sobre o diagnóstico nas características comuns de uma pessoa com autismo.

Desde que o termo Autismo foi mencionado pela primeira vez por Leo Kanner em 1943, teorias foram surgindo ao longo dos anos. Como citado anteriormente uma das primeiras teorias de que surgiu foi a “mãe geladeira”, que foi de imediato uma culpa jogada acima das mães que se encontravam vulnerável em meio a tantos sentimentos diferentes e preocupações sob seus filhos com TEA.

Antigamente, acreditava-se que as chamadas “mães geladeira” seriam as causadoras do autismo infantil. O termo se refere a crianças expostas a mães que demonstravam pouco ou nenhum afeto em relação aos filhos, eram negligentes e violentas. Os estudos neurocientíficos demonstraram que métodos de criação parental e ausência de afeto não causam autismo, entretanto, por outro lado, podemos afirmar que alguns fatores ambientais podem ser potencialmente influentes e ter alguma participação mesmo que indireta no desencadeamento da doença (TEIXEIRA, 2016, p. 01).

Essa atribuição de “mãe geladeira” como mencionado, Kanner tinha citado para as mães que supostamente se mantinham longe de seus filhos, não tendo carinho e nem preocupações, ou seja, eram negligentes por não demonstrarem sentimento

algum por suas crianças. É comum que as mães se preocupem com seus filhos, porém Kanner usou essa expressão, pois entendia que a falta desse vínculo entre mãe e filho levaria ao autismo. Entretanto, sua tese onde o vínculo era causador do autismo foi completamente descartado no meio acadêmico ao longo dos anos e o próprio psiquiatra mais tarde tentou se retratar no livro “Em Defesa das Mães.”

Em 1997, outra teoria surgiu em relação à origem do autismo, a hipótese criada pelo médico inglês Andrew Wakefield na Inglaterra dizia que a vacinação contra a Tríplice Viral seria uma das causas do autismo.

Outra teoria rechaçada entre os cientistas foi a de que a vacina tríplice viral causaria o autismo. Dezenas de amplos estudos ao redor do mundo descartaram essa hipótese, a ponto de o autor da teoria, o médico britânico Andrew Wakefield, ter sido considerado “inapto para o exercício da profissão” pelo Conselho Geral de Medicina do Reino Unido. A Organização Mundial da Saúde destaca em seu site que “não há evidência que sugira que qualquer vacina infantil possa aumentar o risco de TEA” (STOCK, 2018, p. 01).

Para o médico tal hipótese era uma verdade sobre a causa do autismo, logo sua tese foi absurdamente desconsiderada, pois seus estudos posteriores comprovaram vários erros no artigo que havia sido escrito. O artigo do médico britânico Andrew Wakefield estava completamente com falhas metodológicas, tinha conflitos de interesse e violações éticas (TEIXEIRA, 2016). Contudo, por mais absurdo que tenha sido sua teoria sobre a causa do autismo, o mesmo com esta hipótese ocasionou que outros estudiosos conduzissem vários estudos que comprovaram que a vacina não era a causa do autismo.

No contexto das ideias acima expostas percebe-se que teorias para compreender como causaria o autismo foram estudadas e constatadas que elas não seriam realmente a causa. Portanto, qual seria a causa do TEA? Não há uma definitiva resposta, mesmo que atualmente os estudos estejam cada vez mais empenhados a procurar uma resposta para todas as dúvidas que estão sendo abordadas na sociedade.

Primeiramente é importante ressaltar que o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) fez uma divisão do Autismo de acordo com a intensidade que é apresentando em cada caso. A divisão do TEA pode ser leve, moderada ou severa, e as contradições de cada caso podem orientar os profissionais sobre as intervenções que serão mais apropriadas para aquele caso específico.

Além disso, a criança deve também ter começado a exibir atrasos (ou funcionamento atípico), até a idade de três anos, em, pelo menos, uma das seguintes áreas: (1) interação social, (2) linguagem para fins de comunicação social ou (3) brincadeiras ou jogos simbólicos ou imaginários (SILVA; MULINK, 2009, p. 119).

Conforme descrito, a criança autista pode exibir atrasos na comunicação, afetando no desenvolvimento da criança. No entanto, haverá momentos em que a criança poderá ouvir determinadas palavras e aos poucos tentar falar. A partir de repetições as crianças associam as palavras até compreender em quais ocasiões de interação social elas podem ser usadas.

No contexto das ideias acima citadas, Liberalesso e Lacerda (2020) descrevem as classificações dos níveis de gravidade do TEA. Nesta classificação encontra-se o nível um considerado leve, são as pessoas no TEA com necessidade de pouco apoio. No entanto precisam de compreensão quanto as suas práticas que serão baseadas nas evidências ocasionais. Estas pessoas vão ter dificuldades na comunicação social criando-se a partir disto um maior desafio para iniciar uma interação social, até impossível manter uma boa qualidade nas inter-relações sociais rotinas.

Já no nível dois considerado moderado, são aquelas pessoas com TEA com necessidade de apoio substancial, ou seja, este apoio é para que as mesmas consigam ter habilidades sociais mínimas e comportamentos adequados. Mesmo que sua comunicação verbal e não verbal seja uma das dificuldades encontradas, e a procura por amizades seja comprometido, este nível preocupa-se em um suporte no qual as pessoas podem conseguir falar frases simples e interagir com seus interesses especiais (LIBERALESSO; LACERDA, 2020).

Ainda conforme Liberalesso e Lacerda (2020) no nível três considerado severo, as pessoas com TEA com necessidade precisam de apoio muito substancial, considerado um dos níveis com maiores desafios, as pessoas possuem grandes limitações quanto dar início a uma interação social, e a dificuldade da linguagem verbal e não verbal é uma das maiores dificuldades. Os comprometimentos destes desafios implicam na busca por uma iniciação de um contato social, extremamente rara e algumas vezes não ocorrem de fato.

De tal modo, percebe-se como cada criança autista é única, as causas que levam ao seu neurodesenvolvimento também são únicas e suas associações podem ser diferentes.

Indivíduos classificados no nível leve do TEA requerem suporte espontâneo e apresentam dificuldade de comunicação, falta de interação e reduzida vontade de se socializar, além de leve fixação nos seus interesses restritos. Os classificados em nível moderado requerem substancial suporte já que possuem acentuada dificuldade em comunicação verbal e não verbal, necessitam de ajuda para interagir e responder ao ambiente e apresentam muita frustração ao mudar de contextos habituais. Os de classificação severa requerem intenso e substancial suporte devido ao severo déficit de comunicação, interação muito limitada e grave reação às mudanças com consequente auto-mutilação (ALMEDA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 04).

O autismo pode manifestar-se nos primeiros anos de vida, é comum que os pais notem que o bebê não corresponde às brincadeiras evitando fazer imitações, seu sentindo de compartilhar sentimentos acerca disto não é notado.

Pode-se observar que pela comunicação tardia, seu filho podem tenta comunica-se através de gestos. A criança com autismo, na interação social apresenta grandes dificuldades, começa-se pelo desafio de ter não contato visual, a expressão facial, os gestos e quanto sua postura corporal é diferente para lidar com as outras pessoas do cotidiano.

[...] devemos ter cuidado quando analisamos o critério “anormalidade no contato visual” já que muitos o interpretam como “ausência de contato visual”, o que é uma forma incorreta de compreender este critério. Pessoas portadoras de TEA apresentam uma fragmentação do contato visual, ou seja, são frequentemente incapazes de mantê-lo por um período prologado de tempo e, quando solicitados a fazê-lo, relatam certo desconforto. O contato social é muito mais que um ato mecanizado de olhar nos olhos. Na verdade, trata-se de uma ação mediadora das relações sociais interpessoais. É importante ressaltarmos que o contato visual, em sendo uma ferramenta de interação social, pode ser percebido em seres humanos muito jovens, frequentemente já nos primeiros dias de vida (LIBERALESSO; LACERDA, 2020, p. 18).

Diante do que foi abordado, é importante analisar que neste critério de contato visual esteja compilado de como a pessoa com TEA não consegue olhar diretamente nos olhos por minutos, apenas por segundos ou mesmo não consegue de fato.

Desse modo, quanto ao seu desenvolvimento é comum uma dificuldade nas relações de companheirismo, dificilmente busca conforto ou afeição quando se encontra em um caso de tensão, as crianças com autismo também não compartilham sentimentos quanto sua satisfação ou felicidade, é desta maneira que elas não apresentam reciprocidade social nem emocional.

Na comunicação percebe-se a dificuldade em utilizar os aspectos da comunicação verbal e não verbal. É necessariamente nesta dificuldade que a criança

apresenta expressões faciais, gestos, a apropriação de imitação social. Vale lembrar que na dificuldade para comunicar-se algumas crianças apresentam uma linguagem verbal em que consiste repetir o que lhes foi dito anteriormente (ALMEDA; ALBUQUERQUE, 2017).

Dentre as características de uma criança autista é comum perceber-se os padrões restritos e repetitivos quanto ao seu comportamento, podendo haver apegos específicos a objetos incomuns, segue rigorosamente uma rotina e quanto à mudança em seu dia a dia é impulsivo a pequenos detalhes.

Na relação com objetos incomuns, de fato acontece que as crianças com autismo se entretêm com pequenos objetos que fazem sua imaginação flui, ou que seja colorido ou que desperta algo legal quando usado.

No contexto das ideias acima expostas, o questionamento a ser abordado é como seria dado o diagnóstico de pessoas com TEA. Para tanto, o diagnóstico de autismo é feito por um profissional com formação em medicina e propriamente com toda experiência clínica. Para o diagnóstico é necessário fazer uma avaliação através do quadro clínico de cada pessoa, pois não existem testes laboratoriais especificamente para detectar o autismo.

O diagnóstico do TEA baseia-se principalmente no quadro clínico do paciente, com critérios estabelecidos no DSM V. Se detectado nos primeiros 36 meses alguns dos sintomas descritos no manual, associados a intervenções de longo prazo, o prognóstico terá um impacto positivo, pois a idade no início do tratamento é um dos fatores determinantes para a sua melhor evolução (STEFFEN *et al.*, 2019, p. 02).

Normalmente, depois que alguns dos sintomas descritos podem ser observados, a família procura assistência médica para fazer as reais investigações, o médico solicita exames para investigar as possíveis doenças assim, identificar as causas para apresentar o quadro de autismo infantil. No entanto, é importante ressaltar que nenhuma das condições apresenta os sintomas de autismo infantil em todas as ocorrências que são feitas, é necessário compreender que mesmo que os indícios sejam bastante fortes, raramente o diagnóstico é conclusivo antes dos vinte e quatro meses. Portanto, a idade mais comum de um diagnóstico preciso é a partir dos 30 meses de vida da criança.

Os métodos de diagnósticos foram sendo apurados, e o surgimento para melhor instrumentalizar o diagnóstico foi à criação de escalas, questionamentos e

critérios. De suma importância relatar que através de um diagnóstico precoce, é possível iniciar uma intervenção educacional especializada para melhor atender a criança.

Um número cada vez maior de profissionais tem defendido que a forma mais adequada de se estabelecer o diagnóstico é de modo interdisciplinar, incluindo pelo menos um neuropediatra e um psicólogo com especialização em distúrbios do desenvolvimento. Esses profissionais têm a oportunidade de analisar cada caso conjuntamente, identificando as várias nuances do quadro clínico da criança e oferecendo à família informações detalhadas não apenas acerca do diagnóstico, mas também do perfil médico, cognitivo e adaptativo da criança (SILVA; MULINK, 2009, p. 123).

Os profissionais que através do quadro clínico determinam um diagnóstico de autismo, por todos os aspectos que já foram relatados entende-se que para chegar a um diagnóstico conclusivo o processo não é tão simples quanto pode parecer. Desta forma, as manifestações quanto aos sintomas autísticos podem ser diferentes e possivelmente, algumas das crianças apresentam em seu desenvolvimento vários comportamentos com distintas diversidades.

O TEA tem por característica o comprometimento no desenvolvimento adaptativo e social da pessoa, e quando não diagnosticado com um curto período de desenvolvimento limitará rapidamente o funcionamento diário do indivíduo. O cérebro tenta encontrar estímulos para se apropriar desta forma, é necessário o diagnóstico para que o indivíduo não perca as etapas essenciais de seus primeiros anos de vida. Por fim, o diagnóstico é essencial, pois através dele o profissional deverá orientar a família acerca do melhor tratamento possível, o apoio da família é essencial para buscar intervenções ao longo do caminho traçado.

1.3 TEA E A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES

Apresentando a compreensão das questões que acercam o autismo, faz-se necessário conhecer as legislações que permitem que os indivíduos com TEA sejam acolhidas pela sociedade, e a importância da formação continuada dos professores que estão acolhendo tais indivíduos no processo educacional.

De certo, é importante ressaltar que a sociedade mesmo criando métodos para a inclusão, haja vista que são percebidos muitos desafios para que realmente as pessoas com TEA sejam acolhidas na sociedade.

Assim sendo evidenciam-se aspectos que fazem o rompimento dessas barreiras de exclusão para levar a inclusão. Nesta perspectiva, baseia-se primeiramente na Lei nº 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; na Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008); as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de Setembro de 2001); A lei nº 13.146/2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência e a lei nº 12.764/2012, a mesma lei proporciona amparo à pessoa com autismo, contudo esta lei é considerada uma das mais importantes para o Brasil nesse processo de inclusão da pessoa com TEA.

Cabe enfatizar que antes de leis tão formidáveis para darem passos contra estas barreiras, outros acontecimentos importantes para a educação especial e inclusiva foram essenciais de acontecerem. Uma delas foi à criação de duas instituições para ter acessibilidade no atendimento a pessoas com deficiência na época do império.

Os institutos foram criados na década de 1850, conhecidos como “Instituto dos Meninos Cegos” (hoje “Instituto Benjamin Constant”) e o “Instituto dos Surdos-Mudos” (hoje, “Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES”), tornaram-se um referencial para o atendimento das pessoas com deficiência no Brasil. Entretanto, a criação destes institutos apesar de ser um passo para a inclusão ainda assim foram introduzidas apenas para o atendimento as pessoas com deficiência auditiva e visuais, separando-se de outros tipos deficiências.

Conforme anteriormente mencionado, a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno de Espectro Autista, em dezembro de 2012, através da Lei Nº 12.764/12 efetivou o direito da pessoa com autismo os mesmos direitos das pessoas com deficiências. Foi sancionada no dia 27 de dezembro mencionada em aspectos anteriores, também é conhecida como a Lei Berenice Piana, sendo notável ressaltar que este nome é em virtude de uma mulher chamada Berenice por ser mãe de autista motivou-se em ir atrás dos direitos e em defesa das pessoas com TEA.

No artigo 1º, parágrafo 2º introduz que a pessoa diagnosticada com TEA é considerada uma pessoa com deficiência, assim ela garantia todos os direitos legais de uma pessoa com deficiência. Contudo, explicando-se tal efetivação percebe-se que antes desta lei essas pessoas não tinham os direitos garantidos legalmente como a

vida digna, a integridade física e moral, a educação e ensino profissionalizantes entre outros direitos de inclusão e livre acesso ao meio social e no ambiente escolar.

Assim, determinou que a pessoa com TEA tivesse os mesmos direitos a todas as políticas de inclusão, como direito a educação em escolas regulares ou em caso, de necessidade, com o acompanhamento especializado. Desse modo, a Lei N° 12.764/2012 estabelece diretrizes e define, em seu parágrafo primeiro, art. 1º, parágrafo 1º que um indivíduo com Transtorno do Espectro Autista como sendo:

I – Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; II – Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (BRASIL, 2012).

Conforme descrito, as pessoas diagnosticadas com TEA tinham nas características uma dificuldade de interação, de comunicação e seus comportamentos tinha padrões repetitivos. A partir deste diagnóstico, as leis regulamentavam que a pessoa com autismo tinha direito a matrícula no ensino regular, garantindo-se o atendimento e a inclusão nas redes de ensino.

Logo na Lei 12.764/2012 do Decreto 8.368/2014, em seu parágrafo 2º do art. 3.º dispõe que havendo a comprovação a necessidade de apoio quanto às atividades de comunicação, locomoção, interação social, alimentação e cuidados pessoais, a escola em que a pessoa com TEA ou com outra deficiência estiver matriculada disponibilizará acompanhante especializado no contexto escolar.

Portanto, esta lei regulamentada reconheceu que as pessoas com transtorno do espectro autista possuem os mesmos direitos que as outras pessoas com deficiência. No entanto precisaria de comprovação por partes dos profissionais como médico, pedagogo, psicólogos que descreverá todas as características no qual o porquê o aluno precisará de apoio no atendimento especializado.

Pensando no atendimento para as pessoas com deficiências e no desenvolvimento das mesmas, é importante ressaltar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) que é destinado para pessoas com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação é um serviço da Educação Especial. No ano de 2008, a Política Nacional de Educação Especial criou o AEE a

fim de garantir o direito à aprendizagem e de acesso ao currículo. O AEE disponibiliza o suporte para os alunos deficientes para facilitar o acesso ao currículo e seus recursos pedagógicos podem contribuir para a aprendizagem.

Neste sentido, a contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem e a motora inclui para as pessoas com deficiências acesso a jogos pedagógicos que valorizam os aspectos lúdicos, desenvolvendo nestes jogos a coordenação motora, a imaginação, a criatividade e o desenvolvimento de estratégias de lógica e pensamento. Encontram-se os jogos adaptados que fazem grande diferença quanto à inclusão do aluno na adaptação no âmbito escolar.

É possível vislumbrar possíveis avanços a partir, principalmente, no que se refere ao desenvolvimento de pesquisas que busquem novas metodologias e/ou técnicas pedagógicas voltadas à inclusão. [...] Não se pode fazer inclusão apenas na teoria, pois, a inclusão acontece nas trocas cotidianas que o sujeito estabelece (SANTOS; VIEIRA, 2017, p. 226).

Nos dias atuais, no AEE o professor prepara o aluno para desenvolver habilidades e utilizar instrumentos de apoio que facilitem o aprendizado dentro das salas de ensino regulares. Deste modo, dependendo do grau da deficiência ou da dificuldade de locomoção da pessoa com deficiência, o professor necessita de auxílio por partes de cuidadores que ajudarão neste processo de desenvolvimento.

No ambiente é necessário ter como ferramenta de apoio um lugar aconchegante e lúdico que estimule as crianças a entrarem naquela sala. A estimulação pode ocorrer através dos variados materiais pedagógicos e específicos para o TEA ou para as outras deficiências. Vale mencionar que oferecer condições de acessibilidade dentro e fora do espaço escolar é importante para o desenvolvimento da criança.

O professor do AEE para suas atribuições deve ter formação que habilite o seu exercício da docência e formação específica na educação especial. Quanto ao espaço escolar é necessário que haja estratégias pedagógicas e curriculares para facilitar na inclusão dos indivíduos com TEA.

Nesse sentido surge a necessidade de uma formação continuada para os educadores para uma melhor efetivação dos direitos dos alunos com TEA. O trabalho pedagógico do professor em sala de aula regular ou especial com crianças com TEA requer ações e práticas específicas, direcionadas à convivência compartilhada, para a inclusão social, familiar e escolar desses indivíduos (COLAÇO, 2018, p. 27).

Sob esse viés, a formação continuada dos professores é de suma importância para a inclusão, a fim de haja efetivação dos direitos dos alunos com TEA. E o professor com formação continuada efetiva suas competências pensando em novas estratégias e em novas práticas específicas para o desenvolvimento dos alunos com deficiência.

Para as ações inclusivas no âmbito escolar um professor com formação continuada é o essencial para que isto aconteça, sendo formado e capacitado seus métodos favorecem estrategicamente em função da aprendizagem daqueles que estão em busca de desenvolvimento.

Vale ressaltar que novas práticas pedagógicas têm surgido a partir desse movimento de inclusão escolar das pessoas com deficiência, e neste surgimento uma quebra de paradigma é constatado onde o aluno com deficiência deve aprender da mesma forma que um aluno que não tem nenhuma deficiência. Dessa forma, o professor como principal mediador dentro da sala de ensino regular encontra alunos com TEA ou outra especificidade, e ele tem um grande objetivo, fazer com que o ensino seja passado para estes alunos.

Assim, o professor tem que procurar estratégias e objetivos específicos com o intuito de ter o melhor desenvolvimento quanto à aprendizagem. No caso se o professor não tiver formação continuada e não buscar novas práticas pedagógicas este desafio encontrará grandes barreiras.

[...] entenda como funciona a lei de inclusão de pessoas com TEA, a escola que se negar a matricular um aluno autista, haverá punições, que, arbitradas por um juiz, poderá render multa e reclusão de dois a cinco anos para o responsável pela instituição. Portanto, o aluno com transtorno do espectro autista tem o direito à matrícula escolar e o seu direito de aprender, inclusive com acompanhante, além do direito à saúde, transporte, acessibilidade, tratamento, jornada de trabalho e suporte para os pais, dentre outros direitos (SOUZA, 2018, p. 14).

As leis regulamentadas foram de suma importância para a compreensão de inclusão, pois as escolas que não queriam matricular as pessoas com TEA se encontrava infringindo leis no qual resultaria em punições, existindo-se multas e reclusões como citado anteriormente.

A partir de outros aspectos, percebe-se que a família tem um grande papel na vida das pessoas com deficiências, contudo, às vezes a família tem muito medo da inclusão, quando chega o momento de acontecer à inclusão escolar a família por

proteger tanto não ajuda neste processo. Este sentimento de proteção é comum na realidade e os professores se encontram na situação de ajudar tanto a pessoa com TEA como a família com aquele sentimento de medo. No entanto, quando a família busca se adaptar com aquele novo momento, esta interação ajudará também o professor que estar naquele processo de desenvolvimento juntamente com a criança.

São diversos fatores que devem ser analisados e pensados como novas estratégias para o melhor aproveitamento. A interação entre família e profissionais educadores faz com que o acompanhamento e o acolhimento sejam para o desenvolvimento cognitivo e social da criança com TEA. As pessoas com TEA não precisam que a sociedade sinta qualquer sentimento de “dó” ou que olhe com olhos cheios de “lágrimas”, é acima destes pensamentos que a inclusão não é realizada.

A efetivação da inclusão é quando a sociedade aceita que as pessoas com autismo têm comportamentos e interesses diferentes, no entanto suas limitações não definem sua capacidade, pois limitações são existentes nas pessoas só não é necessário as deixar pararem sua capacidade de conseguir.

Assim, “abraçar” o autismo é se permitir conhecer o universo singular da pessoa com autismo, diferente do habitual, é muito mais que incluir, é acolher para colher frutos posteriormente. É como estar em uma poesia que encaixa todos os sentimentos, mesmo quando não se pode identificá-los (SANTOS; VIEIRA, 2017, p. 228).

A grande ênfase desta questão é declarar os direitos destas pessoas, a sociedade executando o que as leis propõem, existe assim a quebra das barreiras de exclusão nos dias atuais, podendo focar-se em um ponto de inclusão muito importante que é a educação. Para que a inclusão seja de fato efetivada pela sociedade o âmbito escolar declara-se um dos pontos mais importantes para que isto aconteça. Este espaço reconhecendo esse Transtorno e as outras deficiências podem considerar as relevâncias para trabalhar no processo de inclusão e principalmente no desenvolvimento dos alunos inseridos.

2 OLHARES PEDAGÓGICOS DA INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR

2.1 PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO

Na sociedade brasileira o ato de incluir possibilita que o cidadão tenha direito de ser incluído em núcleos ou grupos que antes não fazia parte. Assim, a inclusão é um ato de igualdade que faz com que o ser humano garanta a participação social e o convívio através do respeito e da diversidade. Entretanto, é necessário ressaltar que a sociedade ainda precisa compreender e repensar atitudes que facilita a inclusão dos cidadãos. O importante não é apenas incluir tais indivíduos aos direitos que já são garantidos, e sim compreender que muitos da sociedade não reconhecem que a inclusão vai muito além de incorporar os cidadãos na sociedade.

Através disto há uma necessidade de compreender a inclusão como um todo, seu conceito, suas estratégias. Neste caso o assunto abordado será à necessidade de inclusão escolar nas crianças e adolescente, o que a escola poderá fazer? Quando pode haver necessidade de inclusão? O que a escola pode realizar em situações em que uma criança está sendo excluída? O direito a educação é garantido a todos. A partir da família o segundo grupo que o cidadão é incluso será a escola, neste momento a criança é deslocada completamente do seu eixo.

A educação é um direito humano. Sendo os direitos humanos universais, indivisíveis e interdependentes, ao assegurarmos o direito de todas as pessoas à educação estaremos implementando todo o conjunto de direitos humanos. (CASTILHO, 2009, p. 108).

Partindo-se do ato de compreensão que a educação é um direito de todo cidadão desde a educação infantil ao ensino superior, a problematização é o quanto algumas crianças são excluídas. A inclusão escolar acontece de forma diferente, o ser humano sociavelmente inserido na sociedade precisa organizar sua vida e adentrar em um determinado grupo.

Na escola não é diferente havendo complicações quanto ao novo ambiente à exclusão é facilmente adquirida e a criança psicologicamente afetada. Neste momento que a Educação Inclusiva Escolar é realizada, pois seu principal objetivo facilita este

processo de incluir a criança igualmente a todas as possibilidades e oportunidade no âmbito da educação.

Com as possibilidades criadas dentro do ambiente escolar facilitará com que a criança se realize dentro da escola, realizando novas atividades e aprendendo a cada dia com respeito. Assim, o ensino inclusivo restaura as possibilidades do ensino, e cria através do seu objetivo uma base de igualdade e transparência para que haja novos momentos no âmbito da educação.

A educação inclusiva escolar é o direito garantido para todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos para que haja uma escolarização de qualidade, aprendizagens, respeito independentemente das limitações que possuem. Dessa forma, visa tornar o direito de todos os estudantes de frequentar um espaço educacional inclusivo e acolhedor para todos.

Certamente que este ensino de inclusão não procura separar os alunos por suas limitações, a ideia principal desta educação é valorizar todas as diferenças da criança ao adulto. Através destas limitações que o espaço educacional introduzirá meios para que ajude e aconteça a inclusão de forma que facilite tanto a aprendizagem quanto a valorização das diferenças.

Assim, tornar a educação respeitosa valorizando as qualidades de todos, adquirindo estratégias e criando-se um ambiente de convivência com harmonia diferente de todos os outros. Esquecendo as diferenças e focando-se nas particularidades para obter uma educação com grandes aprendizagens. Desde modo, promova-se não apenas uma educação de qualidade para as pessoas com deficiências, mas com uma proposta que colabora para a compreensão de que apesar das limitações, todos podem ser inclusos havendo capacidade para aprender.

A temática de uma educação inclusiva escolar engloba algumas particularidades colocando a sociedade a repensar em questões. Estes confrontos de pessoas e instituições quanto a um ensino de inclusão deve-se a inúmeras questões de embates e opiniões do que esta educação traz consigo como principal objetivo. Portanto, deve-se questionar qual o verdadeiro papel da escola nesta ocasião. A escola é um espaço social onde as crianças precisam socializar e encontrar através de suas diferenças um espaço para adentrar em um grupo social.

No entanto, a escola passa a ser também na vida de uma criança um lugar com preconceitos e momentos traumatizantes, porém além de ser um espaço que engloba estes conceitos a escola é o principal meio de facilitar a inclusão através do respeito.

Para Castilho (2009, p. 116) a escola pode “perpetuar preconceitos, mas também pode desconstruí-los. Essa é uma tarefa para os (as) gestores (as) e educadores (as) comprometidos (as) com os direitos humanos”. Dessa forma, a escola tem um papel fundamental em desconstruir pensamentos e falas, através de dinâmicas sobre relações sociais.

Vale ressaltar que a escola mesmo com este papel importantíssimo pode acabar criando dinâmicas que não ajudam em um espaço acolhedor e inclusivo. Ao invés de obter planos, elas podem transmitir um propósito diferente da diversidade.

Portanto, criar estratégias que podem silenciar-se diante do problema não apagará as diferenças, agora uma escola que procura na diversidade obter grandes aprendizados esta não estar na procura de silenciar, mas resolver com dinamismo e respeito.

Uma linha de pensamento um tanto diferente sobre inclusão refere-se ao desenvolvimento da escola regular de ensino comum para todos, ou “escola compreensiva”, e a construção de abordagens de ensino e aprendizado dentro dela (IRELAND; BARREIROS, 2009 p. 17).

Enfatizando-se esta linha de raciocínio a escola ela pode garantir a destruição de barreiras quanto à aprendizagem, possibilitando recolocar questões e ações que resolvem o ato de exclusão. Contudo, é dentro da escola que possibilitará a construções de novas abordagens e ensinios para que as crianças sejam incluídas a uma Educação Inclusiva Escolar.

Nesse aspecto, centralizando-se na ideia de que a inclusão deve ser ressaltada por toda a sociedade percebe-se que ainda é um assunto muito incomum nos olhos daqueles que não estão situados à questão. Quanto a isto a inclusão envolve toda a sociedade, desde a valorização da educação como outras condições objetivas que a sociedade se impõe há não criar estratégias.

Assim, questões bruscamente colocadas por debaixo de um tapete exige que família e escola andem lado a lado para que novos métodos e questões sejam resolvidos. Na escola o maior processo de inclusão será feita especificamente pelo professor que será mediador para que a criança realize grandes ações em um ambiente com muitas crianças, totalmente fora do ambiente familiar.

No âmbito da educação escolar, faz-se necessário adequar os ambientes educacionais às necessidades das crianças autistas. A escola antes

excludente e rejeitadora das crianças autista tem sido desafiada a prover esse ser humano de um ensino de qualidade, criando metas para que ele possa enfrentar e superar as dificuldades que traz para a sala de aula (CORREA *et al.*, 2021, p. 06).

Seguindo esta linha de pensamento é importante ressaltar que a escola precisa-se adequar a tantas questões de alunos com deficiência. E que gera no corpo docente medo, receio de agir e principalmente impotência em realizar algum tipo de ação.

Para isto a escola com um corpo de educadores que não tem nenhum desses sentimentos citados faz da escola uma segunda família para aquela criança que precisa tanto de cuidados e aprendizagens. A escola que procura inovações e motivam seus professores a estar à procura de métodos garantem confiança para as famílias que tanto sentem medo ao deixar seus filhos em um ambiente tão diferente.

A escola com uma educação inclusiva tem como objetivo garantir um ensino de qualidade a cada um daquelas crianças, adolescentes e jovens que se matriculam e frequentam aquele espaço de educação. Este ambiente de educação prioriza reconhecer e respeitar as diversidades que serão encontradas durante este processo de inclusão. Nessa perspectiva, o maior desafio de toda escola é não apenas ensinar e sim atender todos os alunos, respeitando a diversidade e atendendo de acordo com as necessidades presentes, não dependendo de sexo, idade, condição social ou qualquer deficiência.

Nessa linha de pensamento, entende-se que a escola inclusiva reconhece o direito do estudante e coloca-o como o foco de todas as ações educacionais que serão realizadas. No entanto, esta mesma escola pode garantir a sua equipe escolar uma colocação de confiança para que o todo o corpo docente esteja preparado para realizar uma boa caminhada.

Portanto, é comum que os professores tenham sentimentos de impotência, e o medo abale a produtividade. Para isto, ações dentro do ambiente escolar como seminários, palestras e cursos que faça o docente ter confiança em si garante maiores estratégias para que os métodos de ensino sejam realizados.

Inclusão em educação pode ser vista, dessa forma, como um processo de transformação de valores em ação, resultando em práticas e serviços educacionais, em sistemas e estruturas que incorporam tais valores. Podemos especificar alguns deles, porque são parte integral de nossa concepção de inclusão; outros podemos identificar com um razoável grau de certeza, com base no que aprendemos a partir de experiências. Isto significa

que a inclusão só poderá ser totalmente compreendida quando seus valores fundamentais forem exaustivamente clarificados em contextos particulares (IRELAND; BARREIROS, 2009 p. 21).

Sob esse viés a educação inclusiva escolar possui em sua jornada transformações de valores nas ações realizadas e as que ainda serão futuramente efetuadas. A inclusão é uma transformação que vai do pensar ao fazer, até chegar à realização de estratégias. As práticas e serviços educacionais estarão sempre em transformação para garantir um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, e a escola com uma equipe escolar presente estarão sujeitas a realizar as competências necessárias aos estudantes com deficiência.

Primeiramente uma escola verdadeiramente inclusiva passará por um processo de mudanças e reformas para que realize um aprimoramento em seus conteúdos, estratégias quanto ao ensino e suas abordagens. Cabe salientar a questão do espaço dentro da escola, é comum ainda não ter em escola uma sala estruturada que estará realizando atividades para a aprendizagem e garantindo novos métodos de ensino para as crianças que estão neste processo de inclusão. Ressaltando-se uma questão, compreende-se que não é por ter alunos com deficiência matriculados e frequentando a escola que os torna ambientes escolares inclusivos.

O papel da escola na sociedade se relacionar a ser um espaço sociocultural abrangentes de muitas culturas em que diferentes pessoas se apresentam com intuito único de aprender a exercer sua cidadania. Essas diferenças presente neste espaço especifica o desafio de garantir uma educação de qualidade, e que é neste espaço que exige do ser humano um pleno desenvolvimento.

Neste espaço privilegiado com as diferentes personalidades e necessidades encontram-se os mediadores da educação com o objetivo de incorporar e ajudar na cidadania. A partir disto, é essencial entender que essas diferenças dentro da escola ajudarão na construção de uma sociedade igualitária, com empatia e sob tudo sem preconceito em relações a questões de inclusão.

Por fim é preciso que a escola ofereça a todo corpo de professores novas experiências, ações participativas para aprimorar os conteúdos e um ambiente que se preocupa com todos ali presentes. Assim, uma escola inclusiva realizará para aquele aluno com deficiência um maior desempenho nas ações escolares e sua socialização com os alunos sem deficiência será positiva.

2.2 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DE ATENDIMENTO AO ALUNO COM TEA

No dia a dia dos professores é comum preocupar-se com as dificuldades que os alunos terão durante o ano letivo, e de certa forma ter um planejamento futuro é o melhor a se ter. No entanto, em certas vezes o desafio do educador vai muito além de um planejamento já realizado com antecedência, o trabalho exige sempre ter mais de um planejamento.

Assim sendo, mesmo os professores com seus planejamentos feitos e efetuados ainda há questões que exige do professor uma maior preparação quanto à de realizar adaptações em atividades e tempo para que realize da melhor forma. Deste modo, houve a necessidade de abordar as estratégias pedagógicas dos professores quando estão em um momento de atendimento ao aluno com TEA.

Cabe salientar que a inclusão é uma questão que exige trabalhar com o novo, adaptar-se na necessidade de cada aluno que necessita de aprendizagem e contar com o diferente. Desse modo, o professor pode encontrar um grande desafio dentro da sala de aula como atender um aluno com TEA, e isso algumas vezes pode tornar o desconhecido algo assustador, porém é nesta nova experiência que o educador precisa se reinventar.

O inesperado pode comprometer o professor a buscar novos métodos de ensino e objetivar-se a encontrar um planejamento adaptável a necessidade do seu aluno com TEA. Através da experiência o educador em suas reflexões pode incluir projetos que leve a criança em um estágio positivo de desenvolvimento e suas limitações não fazem diferença quanto a sua produção.

É necessário enfatizar que ultimamente as crianças estão na maioria do tempo na escola então justamente os educadores tem um papel ativo na relação de inclusão das crianças com deficiência. Assim, o melhor para todos é uma boa relação entre escola e família que andarão de mãos dadas pelo mesmo objetivo, de assegurar um aprendizado de qualidade para as crianças.

O professor com seu importante papel ativo dentro do principal meio de inclusão deve-se atentar em encontrar soluções para que as crianças neste espaço de educação tenha confiança no processo de desenvolvimento. O mediador de estratégias pedagógicas como o educador disponibilizará uma atmosfera de confiança para as crianças e para a família que estar com receio quanto aquele novo processo.

Vale ressaltar que a inclusão de alunos com deficiência nas aulas não depende apenas dos professores, mesmo com um importante papel neste ambiente escolar, uma política inclusiva que estimulará os alunos em participar do processo ajudará neste desenvolvimento de inclusão (CARVALHO; SOUZA; CARVALHO, 2014).

Portanto, o importante papel do professor em encontrar metodologias ativas pode contribuir em incentivar a transformação do ensino tradicional, e focaliza-se em um processo mais objetivado colocando o estudante como foco da sua própria construção de conhecimento. As novas técnicas nas metodologias garantem extrair o melhor aproveitamento da criança e a fixação do conteúdo não será tão difícil, pois ele é dono da sua própria experiência de busca por sua aprendizagem.

No atendimento ao aluno com TEA o professor busca novas metodologias e compreende as dificuldades que encontrará para adotar novas estratégias até conseguir interagir com os estudantes. Os alunos com TEA podem possuir dificuldades quanto à aprendizagem e o educador precisa disponibilizar uma maior atenção, assim como também cumprir um ensino especializado com sugestões de desenvolvimento.

Uma vez tendo clareza sobre o perfil do aluno o professor poderá ter ideia de qual metodologia de ação poderá pôr em prática, e quais elementos metodológicos poderá mobilizar para tanto; qual abordagem de ensino mobilizar, quais caminhos metodológicos poderá seguir (CORREA *et al.*, 2021, p. 06).

Nesta perspectiva, os autores enfatizam a importância do professor em conhecer primeiramente o perfil do seu aluno com TEA para então adotar um planejamento com ações que ajudará na prática uma melhor abordagem de ensino. Através da observação do aluno que o educador na realização do seu planejamento vai adquirir novas estratégias pedagógicas para o melhor aproveitamento.

Os alunos com TEA possuem um atraso quanto à aprendizagem, dificuldades nas relações de se expressar e a sua comunicação dificultará a compreensão dos educadores. Atentar-se no ritmo de aprendizagem cada aluno possibilitará ao professor um caminho desafiador, porém com melhores chances de estratégias. Assim conhecendo cada perfil dos seus alunos é importante que o professor através das estratégias inove a cada dia dentro da sala de aula e procure explorar as táticas que mais funcionam no desempenho escolar das crianças.

Seguindo esta mesma linha de raciocínio é importante ressaltar a existência de um programa educacional para as crianças com autismo, o chamado PEI (Plano de Educação Individualizado) que permite o professor planejar e acompanhar todo o desenvolvimento das crianças com TEA.

Este acompanhamento se deve a um documento formulado pelo próprio educador com base nas informações coletadas por ele após uma observação, facilitando obter no PEI a identificação do aluno, um histórico do aluno, quais são as necessidades educacionais, as habilidades e as dificuldades para que ele melhore ou desenvolva. Por fim, quais são seus objetivos e metas a serem alcançados em relação a esse processo de ensino.

Outra estratégia pedagógica a ser utilizada com os alunos com TEA pelo professor é o ABA (Análise Comportamental Aplicada) uma abordagem com o objetivo de analisar e entender o comportamento dos alunos com autismo. Relacionando-se a procurar a diminuir os comportamentos negativos e ajudar no crescimento comportamental positivo, mas tal abordagem é realizada individualizada.

Realizando-se as observações de cada criança, o professor deve planejar suas ministrações considerando-se a condição e o grau de dificuldade de cada aluno presente em sua sala de aula. Sua estratégia pedagógica facilitará em atender as necessidades de cada aluno, suprindo-as com as habilidades presentes.

É necessário que o professor se atente nos métodos de abordagens que se dispôs a realizar, desta maneira com um acompanhamento o educador estará ciente de quais estão sendo efetuadas com sucesso e quais não estão facilitando o processo de aprendizagem por parte dos alunos com TEA. Nesse aspecto, para que haja avanços o professor precisa estar ciente de todo o processo desenvolvido na sala de aula, quais são os avanços adquiridos e quais os contras para que novos métodos sejam buscados o quanto antes para melhor aproveitamento.

No que tange à inclusão de alunos com necessidades especiais na rede regular de ensino, encontramos muitos desafios que requerem uma reorganização profissional e criatividade por parte do professor, pois a mera inserção do aluno na escola não é capaz de garantir acesso ao conhecimento historicamente acumulado (FERNANDES, 2017, p. 09).

Desta forma, no que se refere na inclusão destes alunos com deficiência no ambiente escolar serão encontrados muitos desafios, dificuldades a todo o momento e que requer do professor plano para que sejam realizados novos métodos. O

educador buscará nos questionamentos quanto a sua prática de ensino algo criativo para o melhor aproveitamento do processo de aprendizagem.

Na sala de aula o professor introduzirá estratégias pedagógicas para as crianças com autismo como manter uma rotina no qual ajuda as crianças a se sentirem confortáveis, a repetição de ações no dia a dia possibilita o aluno a interagir e acompanhar as aulas de maneira que o mesmo já siga aquele mesmo ritmo todos os dias. No entanto, é importante o educador procurar adaptar a criança no ambiente escolar, este processo de se familiarizar com o espaço faz com que o processo seja mais facilitador e não tenha tantos desafios. Outro método utilizado pelo professor é estimular visualmente a criança dentro da sala de aula, através de cartazes com ilustrações que facilite a criança a compreender as ações e regras que devem ser seguidas na escola.

Quanto à criatividade já abordada anteriormente, o educador em suas atividades deverá adaptá-las nas necessidades de cada aluno, procurando maneiras divertidas de aplicá-las mantendo o foco das crianças para algo criativo e dinâmico. Assim, algo que seja tão modesto pelo professor pode comprometer o interesse da criança a parar e apenas interagir-se mais com todo aquele processo de aprendizagem que esta sendo realizado na sala de aula.

A criatividade do professor nas realizações das atividades pode ser feitas através do conhecimento dos interesses de cada aluno. Contudo, através das observações dos interesses dos alunos com TEA o educador pode usar este fato como estratégia, para garantir o olhar de curiosidade e os alunos podem se interessarem a interagir com toda a aula.

Considerando que os indivíduos com autismo apresentam prejuízos em inúmeras áreas, cabe aos professores, utilizar estratégias que contemplem a aquisição de habilidades as quais pré-requisitos para que outras se efetivem (CORREA *et al.*, 2021, p. 03).

Sob esse viés, percebe-se que as pessoas com TEA são desafiadoras para o professor que se encontra dentro de sala de aula, pois suas limitações agregam toda a estratégia pedagógica realizadas com turmas anteriores. Certos educadores em virtudes de encontrar-se neste atendimento precisam elaborar atividades levando em consideração ao aluno sem deficiência e aquele com deficiência.

Mesmo levando em consideração o nível de dificuldade de cada aluno, propor atividades planejadas com antecedência traz segurança para o professor e todos os presentes na sala de aula. Em relação a novos métodos, promover atividades pedagógicas em grupo pode ser um dos fatos mais importantes neste processo de inclusão, desta maneira as crianças com TEA pode interagir com os demais colegas possibilitando um passo importantíssimo para o desenvolvimento.

Os professores, sejam especialistas ou não em Atendimento Educacional Especializado, devem demonstrar amor, dedicação, paciência, falar baixo, utilizar recursos visuais e concretos para que os alunos com TEA possam entender o conteúdo, chamar a atenção destes com delicadeza. Deve também incluí-los em jogos, brincadeiras e atividades, ser claro e objetivo, utilizar vocabulário de fácil entendimento, conhecer as áreas de interesse do aluno, dividir as tarefas propostas em etapas, auxiliar o aluno sempre que necessário, comunicar-se por meio de figuras, promover sua autonomia, criar um painel de rotinas, entre outras ações que contribuem significativamente para o desenvolvimento do aluno com TEA (FERNANDES, 2017, p. 07).

Nesse contexto, o professor precisa ter interesse por aquilo que ele quer transpassar para o aluno com TEA. Por meio da dedicação que as crianças estarão cientes da confiança que o educador esta passando e por fim, resultará na facilidade de se desenvolver. Certas atividades pedagógicas que busca o desenvolvimento cognitivo e psicomotor pode garantir um maior desenvolvimento, assim as atividades com peças coloridas e ilustrações pode desenvolver aos alunos com TEA a compreensão sobre as cores, objetos e familiarizar a criança nos detalhes.

Por fim, a motivação pelas conquistas alcançadas deve ser pautada pelo professor, para que as crianças com TEA mantenham interesse ao aprender. É necessário compreender que para a criança uma tarefa realizada, uma atividade correta e um elogio recebido é uma grande conquista para ela. Assim, incentivar as crianças e mostrar que é possível superar as dificuldades ajuda no desenvolvimento dela na sala de aula.

A demonstração de amor e empatia facilita todo o novo processo de aprendizagem que esta acontecendo com o aluno. Contudo, é importante ressaltar que os professores busquem através da comunicação algo recíproco quanto à confiança que pode transpassar. Os desafios estão por todo lugar, porém com dedicação e amor todas as barreiras são meras diferenças.

2.3 DESAFIOS DA ESCOLARIZAÇÃO DO AUTISTA NO ENSINO REGULAR

A educação inclusiva ao longo dos anos vai tomando grandes espaços e agregando um papel considerável na sociedade, quando se fala do importante papel da escola. Nestes anos de constante evolução, embates e expansão a educação inclusiva torna-se essencial dentro das escolas, e a demanda aumenta a procura dos familiares que tem pessoas com deficiência por escolas regulares que disponibiliza um ótimo atendimento inclusivo.

A inclusão da criança com TEA no ensino regular, tem sido um assunto muito discutido em âmbito nacional e internacional, em fóruns, conferências, congressos, por meio de artigos e monografias, existe uma constante preocupação, entre os educadores, autoridades políticas e outros seguimentos sociais em incluir e fazer tornar direito a educação da pessoa com deficiência (SOUZA, 2018, p. 25).

Portanto, partindo-se deste principio é importante abordar quais são os desafios da escolarização do autista no ensino regular. A escolarização trata-se de intervir e preparar qualquer indivíduo para que tenha um espaço na sociedade, buscando-se o aprimoramento dos conhecimentos e gerando no individuo objetivos para serem alcançados.

Na expansão da educação inclusiva o apoio por todos os segmentos, e principalmente do educacional, foi necessário para que tal educação crescesse na sociedade. Foi notório ter apoio ao professor que desempenha suas atividades para as pessoas com deficiência, por ter tantos desafios e, no entanto estarem atentos nas atividades desempenhadas para o desenvolvimento do aluno.

Para alocar o aluno com transtorno de espectro autista na sala de aula e proporcionar a ele oportunidade de inclusão e escolarização precisamos entender as necessidades desse aluno; já que eles apresentam um quadro clínico muito diverso e cada quadro encerra uma série de particularidades dependendo do perfil da criança com quem se trabalha. Para isso é necessário se que o professor saiba quais os aspectos cognitivos e comportamentais podem ser explorados e entender como foi seu desenvolvimento antes da escola. Enfim procurar meios de entender quais são déficits pedagógicos que escola apresenta, bem com as suas particularidades (CORREA *et al.*, 2021, p. 07).

Para compreender os desafios da escolarização do autista faz necessário observar o quadro clínico destes alunos, levando em consideração todos os níveis de desenvolvimentos e suas particularidades. Cada aluno tem sua própria maneira e

tempo de aprender, é essencial lembra-se que as crianças com TEA traçam um perfil muito diferente.

Todo o núcleo escolar precisa agregar-se no papel de desenvolvimento da criança, o papel mais importante será do professor que procura explorar os comportamentos de cada aluno e desenvolve através dos desafios um melhor aproveitamento para o desenvolvimento.

Na escolarização os desafios são constantes, e para o professor não será uma tarefa tão fácil. Como agrega um aluno com autismo na sala de aula, e desenvolver suas habilidades com salas lotadas. Este desafio é comum nas escolas regulares da sociedade, os professores procuram estratégias para desenvolver e são totalmente deparados ao esgotamento do espaço nas salas de aulas.

Havendo o desafio de salas lotadas é necessário entender que os educadores têm certo receio em realizar atividades com maior interação e dinamismo. Não havendo espaço nas salas de aula o professor encontra-se em um momento vulnerável e não consegue realizar atividades que pode ajudar todos os seus alunos e ainda ter espaço para organizar algo dinâmico para as crianças com TEA. Assim sendo, em questão de salas lotadas é preciso compreender que a falta de espaço será um grande desafio do professor para agregar o aluno com autismo na sala. Entende-se que algumas crianças autistas são passivas e calmas, outras podem ser agressivas e agitadas.

Deste modo, crianças com TEA precisam algumas vezes de espaço para se locomover com facilidade ou um ambiente agradável para que não se agite tanto, em salas lotadas não haverá essa possibilidade e assim, gera outra dificuldade para os educadores. Quanto à sensibilidade ao toque e ao som, certas crianças podem sentir-se incomodadas em sala de aulas que tem muitas outras crianças assim gerando novas dificuldades ao interagir na aula.

Outros desafios são encontrados na escolarização das crianças com autismo, e alguns destes desafios devem ser repensados para assim nomear estratégias para que uma educação de qualidade seja realizada.

[...] o Estado e a família têm o dever de promover acesso, permanência e sucesso do educando. O dever do Estado é de construir escolas e capacitar profissionais para a construção da cidadania de cada criança e para garantir melhoria na qualidade do convívio da humanidade. A família para conduzir a criança até a escola, contribuindo para sua formação (SOUZA, 2018, p. 25).

Nesse aspecto, encontra-se o papel do estado na escolarização das crianças com autismo, e ao mesmo tempo o importante papel da família para que este processo seja realizado com sucesso. O papel da família em conduzir o educando até a escola vai muito além, não é apenas necessário que a família saiba da importância de levar as crianças até a escola. E sim, a família deve compreender que seu principal objetivo também é assegurar que este processo de desenvolvimento esteja acontecendo.

Através da atenção da família para o desenvolvimento da criança que muitas outras barreiras passadas para trás. Logo, toda família deve estar atentas para aquilo que suas crianças estão aprendendo, e no processo de escolarização de crianças com TEA é necessário que a família nade lado a lado com a escola. O apoio da família ajudará não somente o professor como todo o corpo docente que encontrará caminhos para o melhor desenvolvimento da criança. A Educação Inclusiva valoriza as diferenças e faz delas estratégias para o ensino.

Ao longo de todos os anos de questões e reivindicações pelo direito de educação de qualidade para todos os indivíduos, a família é um dos pilares que exigiu de forma sucinta por este direito. Assim, toda família tem um papel importante na contribuição da formação das crianças.

O atendimento de alunos com necessidades especiais na rede regular de ensino exige mudanças no âmbito escolar: práticas pedagógicas condizentes com as singularidades dos alunos, participação da família, apoio de especialistas (psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas, etc.), entre outras ações capazes de desenvolver a socialização, a autoestima, a autonomia, a linguagem, o pensamento e a socialização, considerados relevantes para a formação do aluno enquanto futuro cidadão (FERNANDES, 2017, p. 07).

Para as crianças com TEA não poderia ser diferente, entende-se a importância do papel da família na formação de valores e na construção da cidadania. Participar dos eventos de interação da família e escola, estar atentos nas atividades realizadas para o desenvolvimento e busca meios de se interagir com o ensino das crianças é contribuir ativamente na formação.

As famílias precisam estar apoiando a escola e principalmente as crianças com TEA na realização das atividades. De certo, que é muito comum observar que algumas famílias cumpra apenas a obrigatoriedade de levar a criança até a escola, não participando ativamente de todas as decisões quanto à aprendizagem do aluno.

Este processo de inclusão se deve também no apoio da família ao conduzir a criança no ambiente escolar, através da preocupação e da dedicação de alguns pais

os professores ganham mais confiança durante aquele desafio de realizar o atendimento as crianças autistas.

Vale ressaltar que outras dificuldades serão encontradas no processo de escolarização de crianças autistas, uma dessas dificuldades é a falta de recursos didáticos. Como um professor pode realizar planejamentos e atividades lúdicas para as crianças com TEA se desenvolverem sem ter os recursos necessários para a confecção de métodos pedagógicos ou até mesmo livros lúdicos que fazem com que a criança tenha um maior interesse em aprender. Desta forma, alguns professores procuram em suas estratégias obter o interesse das crianças com TEA através do contato visual de atividades com cores, formas e sensibilidades que ajudam no desenvolvimento, porém a falta de recursos pode dificultar todo este processo.

O desenvolvimento de inclusão nas escolas ainda é um sentimento novo para todos os professores que se encontram nesta real experiência. Quando os educadores tem a presença de alunos com limitações educacionais os sentimentos de medo, impotência, angústia, frustração tem provocado muitos embates. Estes sentimentos limitam os professores em realizar novos métodos de aprendizagem e ao se depararem com a realidade dos desafios é comum os educadores desistirem de dar atenção para os alunos com TEA.

Nesse contexto, as pessoas com diferentes características e que precisam de uma prática pedagógica específica trazem no cotidiano do professor a exigência de programar trabalhos de intervenção adequados para atender esses alunos com necessidades especiais, causando algumas vezes a insegurança dos professores ao trabalharem e não terem os recursos didáticos necessários.

Havendo necessidade de interagir com os alunos e dedicarem-se neste processo de desenvolvimento os professores buscam estratégias nos recursos didáticos e não havendo disponibilidades destes recursos, os educadores procuram fazer através da reciclagem recursos didáticos que ajudarão a realizar as atividades.

Nessa mesma perspectiva de inclusão escolar de alunos com autismo, quanto ao ambiente escolar como deveria ser o espaço para que a criança seja recebida? A escola deve ser agradável, arejada e familiar para as crianças com TEA que irão participar do dia a dia. A infraestrutura de certas escolas na sociedade é algo assustador e fora do normal, à exigência por uma educação de qualidade ainda enfatiza lutar por escolas com uma melhor estrutura. A sociedade busca muitas

questões de melhoria, e para que seja realizada uma educação de qualidade o melhor seria escolas com mais espaços agregados ao conforto e desenvolvimento.

As escolas que estão geralmente lotadas de alunos na sala de aula é decorrência da problemática de que são muitos alunos para pouco espaço ofertado na escola. A preocupação pelos professores que estão nesta experiência é de como se locomover na sala para dar a real atenção para todos os alunos e principalmente para as crianças que tem limitações.

Em outras circunstâncias, a escola sem infraestrutura para dizer que disponibiliza um bom atendimento para as crianças autista, recorre diretamente em falar que tem uma sala apropriada para o atendimento. E constrói com falas bonitas e elegantes, a disponibilização de uma sala para Atendimento Educacional Especializado (AEE) com métodos de inclusão e atividades desenvolvidas pensando no melhor para cada limitação do aluno. No entanto, algumas dessas escolas não têm um devido espaço para desenvolver essas atividades, e certas vezes deixam a desejarem quanto a organização e o trabalho dos professores na sala. A estrutura das salas pode não contribuir para a realidade de cada aluno.

As salas de AEE necessitam de espaço e recursos didáticos que irão ajudar no desenvolvimento do aluno com TEA, algumas escolas pode até disponibilizar uma sala de atendimento, porém é um espaço pequeno, sem a estrutura que precisa ter e sem os recursos didáticos que realmente devem disponibilizar.

Em nossa prática e vivência diária no contexto escolar, constantemente ouvimos professores do ensino regular alegar que não estão preparados para ensinar alunos com TEA em sala de aula. Essas questões nos levam a inquietudes e preocupações pelo fato de sermos, nós, os professores, aqueles que trabalham diretamente com os alunos. Nesse contexto, faz-se necessário que o professor e a própria escola busquem novos conhecimentos, ampliando seu repertório de práticas educativas capazes de atender as necessidades dos alunos com TEA que estudam no ensino regular. A compreensão do processo de ensino e aprendizagem de alunos com TEA não é função apenas dos professores especialistas em Atendimento Educacional Especializado (AEE), mas sim de todos os profissionais da educação, inclusive dos professores da rede regular de ensino (FERNANDES, 2017, p. 02).

Nas ideias acima expostas, o autor enfatiza as práticas e vivências diárias que os professores realizam, e que os educadores deixam transparecerem suas opiniões de medo e desconforto em realizar o atendimento na sala de aula.

Vale ressaltar que é necessário o professor e a escola andar lado a lado, procurando novos conhecimentos e estratégias educativas para ampliar seu repertório para que sejam capazes de atender as necessidades de cada aluno autista. Por fim, rebate a ideia que não é apenas papel do professor especialista que trabalha no AEE, e sim de todos os profissionais da educação do ensino regular.

A educação inclusiva procura superar obstáculos e qualquer outra forma de discriminação, preconceito relacionado a uma pessoa com limitações. A educação é um direito garantido a todos, desta forma é necessário que a educação inclusiva busque estratégias para melhor atender o aluno com necessidade.

Por fim, torna-se necessário entender que muitas são as dificuldades e os desafios, no entanto ficar no comodismo não ajudará na inclusão. Os professores devem sempre querer mais no atendimento dos alunos com TEA, buscar formações, métodos, palestras, recursos didáticos e realizar atividades adaptadas para atender as necessidades destes alunos.

3 A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO: PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM ITAITUBA-PA

3.1 METODOLOGIAS ADOTADAS

O presente estudo buscou desvendar e entender questões acerca autismo, as práticas de intervenção pedagógicas nas escolas que realizam atendimento aos alunos com TEA, por fim quais as dificuldades que os professores encontram com os autistas em sala de aula. Esta pesquisa pautou-se numa abordagem qualitativa, que buscou entender os fatos que cercam a questão.

Por isso, a opção pela abordagem qualitativa é perfeitamente cabível quando a pesquisa a ser desenvolvida, requerer visão ampla do objeto que será estudado, e suas inter-relações no que diz respeito aos aspectos sociais, políticos e culturais (BRITO; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 04).

Assim, o estudo teve o uso da pesquisa bibliográfica fundamentada em autores que tratam da temática, como: Almeda; Albuquerque (2017), Carvalho, Souza e Carvalho (2014), Klin (2006), Stock (2018), Colaço (2018), Donvan; Zucker (2017), Fernandes (2017), Liberalesso; Lacerda (2009), dentre outros autores. Efetuou-se uma pesquisa de campo direcionada aos professores de um Centro de Educação Infantil de Itaituba que atuam com crianças que apresentam o TEA, além de observações quanto à prática docente com as crianças autistas.

Desta forma, no desenvolver da pesquisa foi distribuído um questionário para três docentes que realizavam atendimento com alunos autistas no CMEI Hanna Olinda Lima de Souza, no município de Itaituba-Pará. O questionário obtinha cerca de oito perguntas relacionadas ao tema, com o principal objetivo de que as professoras descrevessem suas práticas pedagógicas e quanto suas maiores dificuldades em realizar seu planejamento dentro de sala de aula com os alunos com TEA.

Desse modo, dentre as três profissionais que estiveram respondendo as perguntas todas tem formação em Licenciatura Plena em Pedagogia e apenas uma com especialização em Educação Especial e Inclusiva, conforme está destacado no quadro 1.

Quadro 1. Sujeitos da Pesquisa. Fonte: CMEI Hanna Olinda Lima de Souza, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Formação/Pós-Graduação	Participação em cursos	Nº de Alunos na turma	Nº de autistas	Possui um profissional auxiliar?
P ₁	Licenciatura Plena em Pedagogia / Especialização em Educação Especial e Inclusiva	Palestra: Transtorno global do desenvolvimento (TEA).	14	01	Cuidador
P ₂	Licenciatura Plena em Pedagogia	Curso de Educação Inclusiva.	12	01	Especialista
P ₃	Licenciatura Plena em Pedagogia	Curso de Educação Inclusiva.	14	02	Auxiliar

Nota-se que as profissionais que estão atuando na área procuraram formação e participam de cursos e palestra para melhor atender o aluno com TEA, no entanto apenas o P₁ possui uma especialização na Educação Especial e Inclusiva, fator este interessante para ser analisado, pois uma pós-graduação é um fator contribuinte para que o professor tenha noção da realização de planejamentos inclusivos.

Destaca-se que a lotação das turmas obedece a Portaria de Lotação 2023 da Secretaria de Educação, assim como o número de autistas atendidos por classe no Centro de Educação Infantil. Vale ressaltar que a quantidade de alunos em cada sala esta de acordo com a portaria de lotação da Educação que exige uma capacidade de até 15 alunos em cada sala de aula.

Todas as profissionais ressaltaram que não foi à primeira experiência com alunos autistas, destacando-se que a P₂ relatou ser a terceira experiência em atender um aluno com TEA. Contudo, percebe-se que nos dias atuais é necessário que o professor se atente nas crianças, a qualquer momento o profissional pode estar dentro da sala de aula com um aluno autista estando apto a buscar estratégias para ter um ótimo atendimento.

As entrevistadas afirmaram possuir uma professora auxiliar na sala, porém não seria suficiente para atender o aluno com TEA. No entanto, a P₁ por ter especialização destacou-se que era suficiente ter apenas a professora auxiliar e a especialista. Conforme Colaco (2018, p. 27), o aluno com autismo matriculado no ensino regular por lei, “tem seu direito assegurado ao atendimento com profissionais especializados, dando suporte nas suas especificidades e peculiaridade de acordo com sua necessidade” (COLAÇO, 2018, p. 27).

Analisando-se essa questão observa-se que o aluno com TEA matriculado no ensino regular tem por lei a garantia de uma educação de qualidade e assegura o atendimento com profissionais especializados, no entanto esse atendimento é de acordo com sua necessidade. Portanto, o ponto questionável levantado pela P₂ e P₃ destacou-se que o atendimento especializado é fundamental para o melhor atendimento ao aluno autista, desta forma gerando-se um maior desafio para as docentes que não possuem uma especialização.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA

O estudo sobre os desafios na inclusão da criança com Autismo foi realizado na instituição Centro Municipal de Educação Infantil Olinda Lima De Souza, localizada na Travessa das flores Nº 1810 no bairro: Bom Jardim Itaituba – Pará. O nível de ensino ofertado é a educação infantil, realizando suas atividades nos turnos matutino e vespertino.

Em 01 de Fevereiro de 2021 o professor Milanês Costa Nogueira, convidado pelo Secretário de educação Amilton Teixeira Pinho, foi nomeado Diretor e esta no cargo até os dias atuais neste ano de 2023 com ajuda com a atribuição de secretária a professora Joana Darque. Nesse período que o professor Milanês Costa iniciou suas atividades, a Educação já passava por um processo muito delicado, e devido à pandemia Mundial da Covid 19, as aulas passaram a ser no Sistema híbrido de ensino com atendimento não presencial e com aulas on-line. No entanto, até finalmente as aulas serem presenciais a criação de um portal ajudava os alunos a ter aprendizagem, no portal eram postados vídeos pelos professores para que o devido atendimento aos alunos pudesse ser realizado.

Vale destacar que a escola realizou sua identificação no dia 01 de junho de 2016 de acordo com a Lei Municipal nº 2923/2016, e ganhou este nome em homenagem a Professora Olinda Lima de Souza de família tradicional deste Município, professora Olinda muito contribuiu com a educação, foi proprietária do colégio de educação básica Semente do Saber, foi moradora do bairro bom jardim por muitos anos. A professora Olinda Lima de Souza era a proprietária do terreno onde esta localizada o CEMEI Olinda Lima de Souza, um fator importante na contribuição da educação e muito conhecida pelos seus atos a escola não poderia ganhar outra identificação.

O Centro iniciou suas atividades no dia 22 de fevereiro do ano de 2021 com 10 turmas do maternal (2 anos), 05 turmas de maternal 3 (03 ANOS) 2 turmas do Jardim I (4 anos) e 2 turmas do Jardim II (5 anos), atendendo inicialmente 271 alunos.

Atualmente a escola tem em seu corpo docente 18 professores, 5 auxiliares e 9 funcionários que realizam outras atribuições na instituição. A escola atende uma clientela de aproximadamente 222 alunos de 03 a 05 anos, sendo que nesta clientela 04 são alunos diagnosticados com TEA e de certo que há possibilidade de ter outros alunos que estão sendo avaliados.

O Centro Olinda Lima de Souza vem realizando trabalhos em coletividade com a comunidade escolar e parcerias, tendo no seu cronograma, execuções de projetos, atividades extraclasse e visitas aos pais quando necessário. Considera-se a criança sujeito social e histórico por fazer parte de uma determinada cultura e conviver em sociedade.

Com base nas análises quanto aos projetos que realizam a escola norteia o trabalho pedagógico, assegurando para seus alunos o: brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades, utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;

Desta forma, o Centro Infantil, para toda a comunidade de moradores foi à realização de um sonho, pois assim o bairro estava ganhando uma grande oportunidade para todas as crianças do bairro ter uma escola próxima e com uma educação de qualidade. Portanto, o maior objetivo da escola com a comunidade é reconhecer a importância das experiências vivenciadas na primeira infância, acreditando ser a Educação um direito da criança.

3.3 PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS

Para que a inclusão seja de fato efetivada no âmbito escolar declara-se um dos pontos mais importantes para que isto aconteça, pois a escola deve se constituir em um espaço que compreenda os estudantes com TEA e outras deficiências, e principalmente desenvolvam estratégias que facilitem suas aprendizagens.

Assim, tem-se presenciado atualmente um aumento no número de matrícula de alunos com o Transtorno do Espectro Autista - TEA na escola. Desse modo, na primeira questão procurou-se saber das professoras que atuam na Educação Infantil com crianças autistas: **Como você avalia o seu trabalho frente à educação inclusiva no sentido de promover a interação e aprendizagem de todos?** As falas das participantes desse estudo estão descritas no quadro 2.

Quadro 2. Avaliação do trabalho docente frente à inclusão. Fonte: CMEI Olinda Lima de Souza, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relato das professoras
P ₁	<i>“Excelente no sentido de ajudar esse aluno a desenvolver as suas capacidades nas aprendizagens com jogos educacionais e atividades em sala de aula”.</i>
P ₂	<i>“Bom. É importante incluir crianças com autismo no processo de ensino aprendizagem, pois incluindo a criança com TEA ela irá desenvolver melhor a sua interação com as pessoas, é importante entender e compreender o que cada criança sente e gosta, favorecendo e superando suas dificuldades”.</i>
P ₃	<i>“Bom, pois sempre procurei adaptar materiais e atividades pedagógicas para os alunos autistas, para promover um bom convívio social e uma boa aprendizagem”.</i>

Percebe-se que as profissionais de educação estão cientes do seu trabalho a frente à educação Inclusiva, e preocupam-se no desenvolvimento do seu aluno. Portanto, o destaque quanto ao desenvolvimento dos alunos com TEA pode ser organizado através de atividades que busca desenvolver as limitações.

[...] mesmo hoje os professores tendo uma formação mais específica, algumas voltadas para atender o aluno autista, apresentam perspectivas e desenvolvem práticas reduzidas, sobretudo em relação inclusão e a socialização desta criança (CORREA *et al.*, 2021, p. 07).

Nesta linha de pensamento, observou-se que as docentes para desenvolver as habilidades dos alunos com autismo apresentam em suas práticas pedagógicas estratégias como jogos educacionais. Vale destacar que para as crianças com autismo o envolvimento com outras crianças na sala de aula, é fundamental para o desenvolvimento.

Assim, as falas da P₂ destacou que o trabalho desenvolvido por meio da interação da criança com outras pessoas facilita no processo de inclusão, e por fim

também ressalta a importância de saber do que a criança gosta e sente para favorecer a superação das dificuldades que a criança possui.

Em seguida, o questionamento levantado para as profissionais da Educação Infantil buscou-se entender suas opiniões quanto ao sentimento de: **Como foi receber um aluno com Autismo?** As respostas das professoras dessa pesquisa estão no quadro 3.

Quadro 3. Recepção do aluno com TEA na escola. Fonte: CMEI Olinda Lima de Souza, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relato das professoras
P ₁	<i>“Foi mais um desafio, porque cada criança tem uma personalidade diferente em termo de aprendizagem”.</i>
P ₂	<i>“De início foi difícil, pois cada criança se expressa de um jeito diferente, mais com o tempo ela cria um vínculo e confiança em você, fazendo com que a inteiração em sala se torne mais fácil”.</i>
P ₃	<i>“No primeiro momento foi desafiador, porém com o passar do tempo fui me adaptando a cada aluno e conhecendo cada um, e meu sentimento nesse momento é de gratidão e amor por conhecer cada aluno, pois são crianças extremamente carinhosas e amorosas”.</i>

Nota-se que as educadoras relataram que suas experiências no primeiro momento foram repletas de desafio, mas que ao passar do convívio com as crianças com autismo as professoras estiveram gratas com o decorrer do processo. Destacaram nas falas que o desafio foi constante e que para haver desenvolvimento no prosseguir elas estavam aptas a se adaptarem aos alunos com TEA.

Sob essa linha de pensamento enfatiza-se que as crianças autistas tem uma maior dificuldade quanto à aproximação de outras pessoas, e este fator de inicio para as professoras pode ter sido um grande desafio. No entanto, a P₂ relatou que uma de suas alternativas para a inclusão da criança dentro da sala de aula foi adapta-se ao aluno e buscar através do convívio uma base na confiança para assim a criança desenvolver naquele espaço.

O autista clássico apresenta, em sua interação social, muita dificuldade em usar adequadamente o contato ocular, a expressão facial, os gestos e a postura corporal para lidar com outros indivíduos. Tem dificuldade no desenvolvimento de relações de companheirismo, não busca nem oferece conforto ou afeição por outras pessoas em caso de tensão ou ansiedade e não compartilha sua satisfação com relação ao sentimento de prazer ou

felicidade, levando-o com isso a não possuir reciprocidade social nem emocional (ALMEDA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 04).

Nesta perspectiva, o aluno com autista não apresentará em sua interação social um contato físico ou até mesmo ocular, ou seja, não olha fixamente no olho a olho com outra pessoa. Neste desenvolvimento, entre professora e aluno é importante ter este contato ocular para que haja um sentimento de convívio, e como cita a P₂, este contato com a visão cria confiança.

Desta forma, outras dificuldades são apresentadas pelos autistas como gestos repetitivos, expressões e uma postura diferente. Para os professores estes atos na sala de aula é um desafio importante a ser lidado, pois é comum que os alunos com TEA se agitem e andem pela sala. Não facilitando para o profissional que deverá ter atenção neste processo.

Adiante no desenvolvimento da pesquisa, a pergunta realizada para as professoras da Educação Infantil objetivou compreender o desenvolver do planejamento de cada profissional, ou seja, foi perguntado: **Você encontra alguma dificuldade para desenvolver seu planejamento com alunos que possuem Autismo?** Desse modo, as explicações das professoras estão expostas no quadro 4.

Quadro 4. Opiniões dos docentes quanto à dificuldade de elaborar o planejamento. Fonte: CMEI Olinda Lima de Souza, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relato das professoras
P ₁	"Não".
P ₂	"Não. É muito importante incluir os alunos com TEA no seu planejamento fazendo atividades adaptadas a necessidade de cada criança".
P ₃	"Com algumas sim, porém sempre procuro adaptar algo para que cada criança desenvolva uma boa aprendizagem".

Desse modo, encontra-se nos relatos das professoras o conforto em dizer que não possui tanta dificuldade em realizar o planejamento com os alunos que possuem autismo. Contudo, destaca-se a P₃ em alguns instantes teve um desafio, porém ela procurou adaptar algo para cada criança, e é esta adaptação que o aluno com TEA tem uma boa aprendizagem. Vale destacar que a boa aprendizagem do aluno autista se dar em virtude dos educadores a procurarem adaptações nas atividades, e ter não

apenas um planejamento, mas outras atividades elaboradas para o processo de ensino.

Nova prática educativa e pedagógicas tem surgido a partir desse movimento para a promoção da inclusão escolar das pessoas com deficiência, e surge como uma forma de quebra de paradigma, como a ideia de que um aluno com deficiência deve aprender da mesma maneira como um aluno sem deficiência. Sabemos sim que a esses alunos deve ser dado o tratamento adequado, mas é preciso garantir que as suas especificidades sejam respeitadas e valorizadas como potencial para um desenvolvimento pleno (COLAÇO, 2018, p. 28).

Sob esse viés é importante entender que as práticas pedagógicas de certos professores promovem a inclusão escolar, no entanto o crescimento do movimento de inclusão das pessoas com deficiência requer dos educadores um maior planejamento para que os paradigmas sejam quebrados.

No desenvolvimento do planejamento os professores devem incluir os alunos com TEA, e garantir que o aluno tenha a mesma aprendizagem que aquele aluno sem deficiência. No entanto, esta realização deve ser realizada acima de suas especificidades e valorizando o potencial de cada aluno autista. Dessa maneira, pode se destacar a P₂ que concluiu sua resposta afirmando que ao realizar seu planejamento procura adaptar as atividades nas necessidades de cada criança autista, objetivando-se incluir este aluno em todas as ações e atividades que são realizadas na sala de aula.

Nessa perspectiva, outra questão que foi abordada para com as professoras da Educação Infantil: **Como acontece o diagnóstico de alunos que apresentam o TEA ou algum Transtorno não identificado? Você identifica e faz o encaminhamento?** As falas das participantes dessa pesquisa estão descritas no quadro 5.

Quadro 5. Encaminhamento e diagnóstico do aluno autista. Fonte: CMEI Olinda Lima de Souza, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relato das professoras
P ₁	<i>“Não. Primeiro é a observação e encaminhamento para um médico especialista na área do (TEA) e ele quem vai dar o diagnóstico dessa criança, após o Laudo que nos como profissional da educação inclusiva vamos ajudar esse aluno a desenvolver suas habilidades com recursos pedagógicos”.</i>
P ₂	<i>“No decorrer do bimestre observamos as crianças e fazemos anotações, depois e passado a direção que toma providência e entra em contato com os pais”.</i>

P₃

“Não fazemos encaminhamento, o que fazemos são avaliações e parecer pedagógico do aluno e relatamos aos responsáveis”.

Conforme analisado, as educadoras reafirmam que não são elas que diagnosticam os alunos que apresentam TEA ou outro transtorno, como a P₃ relata as professoras apenas fazem observações durante os dias letivos. E ao avaliar, fazem anotações do desenvolvimento até chegarem a encaminhar para o especialista.

Contudo, é importante destacar que durante as observações realizadas pelas profissionais da educação, repassando para as autoridades o mais comum que facilita esse processo de encaminhamento é entrar em contato com os pais. De certa forma, este principal fato faz-se fundamental para criar um vínculo entre a família e a escola.

É importante que saber que o trabalho de inclusão das crianças com transtorno do espectro autista na educação infantil não é uma questão só do professor, mas também da instituição, família e comunidade escolar. Um grande desafio, pois a criança com essa necessidade possui dificuldades em se adaptar ao meio social e a sociedade, como também a escola ainda não está preparada devidamente para acolher as diferenças. A escola desenvolve uma prática marcada por padrões de homogeneidade e seletividade (SOUZA, 2018, p. 25).

Como descrito, a questão acerca do autismo sobre a inclusão não implica somente ao professor, e sim a escola e aos pais. A inclusão não acontece apenas dentro da sala de aula, ela envolve a sociedade, a escola e principalmente a família que vai lidar com o processo do diagnóstico. A escola ao encaminhar o aluno que apresenta características de autismo deve compreender que a família se encontrará em fragilidade, desta forma procurar palavras que conforte esse processo no primeiro instante é crucial.

Esse vínculo entre família e escola ajudará a criança a ser inclusiva em todos os desenvolvimentos, a família ajudando em casa facilitará este novo desafio que a escola tem nas mãos. Portanto, todos tem um papel fundamental no diagnóstico da criança com TEA. Após o laudo o papel do professor será ajudar este aluno a desenvolver suas habilidades com recursos pedagógicos assim como a P₁ afirma em sua fala.

Diante disto, foi realizado outro questionamento para as educadoras da Educação Infantil, com o intuito de esclarecer os métodos aplicados assim foi perguntado: **Quais as estratégias pedagógicas utilizadas por você para a**

inclusão de crianças autistas? As soluções das participantes dessa pesquisa estão respondidas no quadro 6.

Quadro 6. Estratégias Pedagógicas adotadas pelas docentes. Fonte: CMEI Olinda Lima de Souza, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relato das professoras
P ₁	<i>“Com danças, brincadeiras, e jogos educacionais”.</i>
P ₂	<i>“Conhecer os interesses das crianças. Estabelecer uma rotina e a segui-la. Apoio visual. Tratar a criança com TEA como criança como as demais. Pannel sensorial entre outros”.</i>
P ₃	<i>“Fazer uma rotina com imagens bem ampla, para que o aluno possa seguir os comandos e instruções. Conhecer os interesses do aluno é muito importante, pois as crianças apresentam interesses específicos e isso ajuda muito com o processo de aprendizagem do aluno e por fim tratar essas crianças como qualquer outra”.</i>

Entende-se que o professor com um papel importante no resultado da aprendizagem dos alunos, precisam buscar estratégias pedagógicas para facilitar no ensino. Dessa maneira, as professoras em suas falas destacaram grandes estratégias que auxiliam um processo promissor para o aluno adquirir aprendizagem e desenvolver as habilidades.

Como a P₁ citou-se as danças, brincadeiras e jogos educacionais fazem parte dos métodos que podem facilitar o dia a dia ao atendimento com as crianças com TEA. Acredita-se que os alunos autistas por ter movimentos repetidos, as ações de musicas que ensinam gestos podem contribuir na aprendizagem.

Em relação ao desenvolvimento quanto à interação com as outras crianças em sala de aula, a dança assim como as brincadeiras já auxilia neste processo de inclusão. E além de ajudar neste aspecto, o vínculo de confiança entre a turma, o professor e o aluno com autismo será firmado.

Outro fator interessante ao se destacar, está na fala da P₃ que enfatiza a importância de os professores adquirir uma rotina com imagens e uma resolução colorida e ampla para que a criança autista siga os comandos.

São indivíduos relativamente capazes, aprendizes como os neurotípicos, mas que precisam de certa atenção no direcionamento do processo de aprendizagem. Se for levado em consideração que todo indivíduo deve ser tratado com um ser em si, o indivíduo com autismo também deve ser tratado como tal e conseqüentemente, deve ter suas limitações vencidas através de trabalhos específicos para aquelas dificuldades. No caso de um transtorno

mais agressivo é possível reduzir comportamentos estereotipados e maneirismos e principalmente, levar o indivíduo a ter condições de expressar suas vontades para que possa ser o mais realizado possível em sua jornada (ALMEDA; ALBUQUERQUE, 2017, p.11).

Diante desta análise, fica ciente a relatividade de que todas as pessoas que apresentam TEA são capazes de transpassar suas limitações e agregar grandes aprendizados. Com o direcionamento correto, de um professor que se preocupa com todas dentro da sala de aula o percurso pode ser desafiador, porém todos os caminhos levam ao aprendizado.

Conclui-se que todas as estratégias pedagógicas citadas pelas professoras na Educação Infantil estão conectadas com o mesmo objetivo de ensinar para os alunos autistas que tudo é possível. Destacando-se que a P₃ enfatizou a importância de conhecer o interesse de cada aluno para assim produzir métodos que irão ajudar o desenvolvimento e ter a atenção dele nesta atividade.

Prosseguindo na realização do questionário, outra pergunta foi realizada para as educadoras da Educação Infantil, para entender as opiniões sobre o desenvolvimento de seus alunos, portanto: **Como você avalia o desenvolvimento do seu aluno com Autismo ao final do ano?** As opiniões das professoras deste estudo estão esclarecidas no quadro 7.

Quadro 7. Estimativa do desenvolvimento do aluno com TEA. Fonte: CMEI Olinda Lima de Souza, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relato das professoras
P ₁	<i>“Bom. Porque ele está em desenvolvimento”.</i>
P ₂	<i>“Bom, o aluno é muito inteligente, saiu do maternal já copiando seu nome na letra Bastão, conhece o alfabeto e o escreve, conhece os números de 0 a 20”.</i>
P ₃	<i>“Bom. Por não ter profissionais específico para fazer acompanhamento desse aluno e também por não ter uma sala de recursos, que ajudaria bastante”.</i>

No relato obtido, observa-se que todas as participantes avaliaram o desenvolvimento do aluno autista como bom e desta forma, a P₂ transcreveu que esta avaliação é acima da inteligência do aluno que já está com um desenvolvimento bom desde que se iniciou as atividades na sua sala de aula. Contudo, é notório que crianças com TEA estão aptas a desenvolverem as atividades e terem aprendizagem durante o processo de ensino, suas necessidades não as limitam de nenhuma forma. O professor atuante na sala ajudará o mesmo a superar todos os percursos e desafios.

Nesse sentido, destaca-se a escola como um dos espaços que favorecem o desenvolvimento infantil, tanto pela oportunidade de convivência com outras crianças quanto pelo importante papel do professor, cujas ações podem favorecer o desenvolvimento de diferentes habilidades nas crianças e propiciar a inclusão (CORREA *et al.*, 2021, p. 07).

Sob a análise levantou-se a importância da escola como um dos principais meios que favorecem o desenvolvimento infantil, e mesmo que com o diagnóstico os familiares tenham medo deste novo conceito. Destaca-se que a criança para aprender ela precisa desse momento junto com todas da escola, é assim que as experiências acontecem e os bons resultados podem ser afirmados.

Pensando-se na fala da P₃, a resposta de bom é pelo fato de não ter profissionais especializados e uma sala de recursos o aluno com autismo estar mesmo assim se desenvolvendo. No entanto, nesta questão é bom destacar que os professores mesmo adaptando tudo para aprendizagem do aluno autista, uma sala de recursos ajudaria neste processo de ensino.

Concluindo-se, fez-se necessário questionar as docentes da Educação Infantil para destacar alguns desafios, desse modo: **Quais os maiores desafios enfrentados por você ao se trabalhar com alunos autistas?** Todas as professoras afirmaram que um dos maiores desafios enfrentados para trabalhar com alunos com TEA é a ausência do apoio familiar. Esta questão já realizada algumas análises anteriormente, são desafios que o professor tenta colocar opinião e lidar com a criança sem o apoio familiar não é uma tarefa simples. Também foram citados como desafios: falta de uma coordenação pedagógica, de outros espaços pedagógicos na escola e de apoio especializado.

A importância de a família ser presente em todas as ações que estão sendo realizadas para o desenvolvimento do aluno com autista faz necessário. No entanto, não é um desafio que o professor consegue realizar alguma estratégia para que seja diferente. Acredita-se que mesmo o professor tentando incluir a família nas ações que são desenvolvidas, este intuito não é realizado.

Foram muitos os políticos, educadores, pais, personalidades brasileiras que se identificaram com a educação de pessoas com deficiência e que protagonizaram a história dessa modalidade de ensino. Todos tiveram papéis relevantes em todos os períodos desse caminhar e não podem ser ignorados, pois atuaram em quadros político-situacionais que de alguma forma afetaram a educação de pessoas com deficiência, seja avançando, ousando, transformando as propostas, seja retardando-as, impedindo a sua evolução para novos alvos educacionais (COLAÇO, 2018, p. 15).

Nesta linha de pensamento vale destacar que este fator da ausência do apoio familiar não é uma questão que se permeia por todos os tempos de evolução da Educação Inclusiva. Para isto, as pessoas que mais se destacaram como grandes protagonistas dessa modalidade de ensino foram à família, que ao terem pessoas com deficiência estavam aptos para lutar pelos direitos.

Portanto, acredita-se que a escola pode tentar trazer os familiares para a tomada de decisões quanto à aprendizagem dos alunos, através de projetos e rodas de conversas que atribuem outras opiniões para que os familiares saibam do importante papel deles nesse processo de desenvolvimento da criança autista.

Desse modo, outros desafios foram destacados pela P₃ como a falta de uma coordenação pedagógica, falta de uma sala com recursos pedagógicos e um apoio especializado. Contudo, todos os desafios descritos são questões que cercam uma educação inclusiva de qualidade, e são essas dificuldades que as docentes tentarem superar a cada dia.

3.4 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Conforme as análises, as dúvidas e os receios para que a Educação Inclusiva seja realizada ainda permeia muitos professores que estão nessa experiência pela primeira vez. Encontrando-se nessa experiência muitos sentimentos podem ser enfrentados pelos professores, entretanto este desafio de atender uma criança com TEA é um trabalho gratificante.

Na realização deste trabalho a cada progresso realizado pelo aluno com autismo é um estímulo para que o professor busque mais estratégias e se aperfeiçoe mais para desenvolver as habilidades do aluno. As existências de estratégias podem contribuir para o crescimento do trabalho do docente com os alunos autistas, um dos fatores que mais se destacou na pesquisa foi à ausência do apoio dos familiares. Nesta questão, a escola poderia intervir com alguns projetos onde a criança autista realizaria trabalhos desenvolvidos com seus professores para que sua família observasse seu comportamento e desenvolvimento.

Nesta realidade da ausência dos familiares, há sentimentos de impotência por não saber lidar com as crianças com TEA, então a escola realizando um projeto com uma roda de conversa com psicólogos, professores, direção e familiares ajudaria as famílias a esquecer tais sentimentos e centralizarem no processo de

desenvolvimentos das crianças com autismo. Por outro lado, os educadores com papéis fundamentais neste processo de evolução podem se avaliar e questionar para buscarem novos métodos que os ajudarão nessa experiência de atendimento ao aluno com TEA.

Desta forma, quanto aos recursos pedagógicos os educadores são sujeitos de todo o processo de desenvolvimento por este motivo além do aluno com autismo, o tempo e a dedicação destes profissionais da educação são as variáveis mais importantes da aprendizagem e superação.

Concluindo-se a elaboração dos próprios recursos pedagógicos pode facilitar o aprendizado destes alunos com TEA, e talvez os métodos mais simples sejam os mais eficazes para favorecer o ensino aprendizagem. Contudo, são as ações dos professores no dia a dia que irão destacar o desenvolvimento dos alunos com autismo na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou a analisar as percepções das professoras ao atenderem um aluno diagnosticado com TEA em um Centro de Educação Infantil, desta maneira houve a necessidade de primeiramente compreender que o Transtorno de Espectro Autista (TEA) decorre com causas múltiplas e afetam nas crianças o desenvolvimento, de acordo com os critérios clínicos. As pessoas autistas possuem características múltiplas, ressaltando-se que as características variam de acordo com os graus. Destaca-se a existência de graus como: leve, moderado e severo, portanto todas as crianças podem ter comportamentos e limitações diferentes.

Sob esse viés a atenção dos professores em relação ao grau de autismo de cada criança deve ser preciso, para que o aluno não se agite na sala ou fique desconfortável. Conhecer o aluno na sala de aula torna-se fundamental para que seja realizadas adaptações no cotidiano. E a partir, de um diagnóstico rápido e conclusivo podem ser investigadas intervenções para o melhor desenvolvimento das crianças com autismo. Considerando as necessidades de cada pessoa com TEA, para que o processo de aprendizagem seja realizado.

Diante disto, preocupou-se pesquisar as estratégias pedagógicas que cada professor realiza quando se encontra na experiência de atender um aluno com autismo. Seguindo esta linha de pensamento observou-se que todos os profissionais de educação que se encontra neste desafio procuram novos métodos para realizar. Assim, as estratégias identificadas neste processo de aprendizagem realizadas pelos professores são: danças, painéis sensoriais, atividades adaptadas, e uma rotina para que a o aluno com TEA tenha um aprendizado. Entretanto, os professores ao realizar certos métodos, sentem-se em desvantagem por não ter uma sala apropriada que facilitaria o desenvolvimento.

Assim, ressalta-se o papel da escola neste processo de ensino da criança com autismo, e o quanto o papel da escola estar crucialmente interligado no desenvolvimento do aluno com TEA. Cabe salientar, que a escola com um importante papel deve-se promover atitudes para que alcance o apoio da família nos casos das pessoas com deficiência.

Analisando as questões realizadas com as educadoras na Educação Infantil, percebe-se que as professoras se sentem capacitadas para atender de forma satisfatória uma criança com TEA. Vale destacar que as docentes mesmo não

havendo uma especialização se sentem gratas pela evolução do aluno autista, e procuram novos métodos para garantir que continue se desenvolvendo. Assim, compreende-se que a especialização torna-se necessária em certas ocasiões, porém os professores se tornam capacitados para realizar o atendimento necessário por buscar estratégias e novos métodos. A participação de cursos e palestras auxilia na compreensão de procurar a melhor solução para as dificuldades.

No critério das ações educativas, entende-se que pode ser um fator crucial para que haja uma satisfação à criança naquele novo ambiente. Observa-se que no Centro de Educação Infantil as ações desenvolvidas para criar um ambiente acolhedor e inclusivo são descritos pelas professoras na realização de um planejamento adaptado, projetos que são desenvolvidos para que haja a inclusão dos alunos com deficiência.

Desta forma, desenvolvendo ações educativas e questões para que haja a necessária educação inclusiva, nota-se que os professores na Educação Infantil destacam não haver tanta dificuldade ao promover o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Contudo, enfatizam principalmente como um dos maiores desafios enfrentados para trabalhar com alunos com TEA é a ausência do apoio familiar.

REFERÊNCIAS

ALMEDA, Caroline Martins de; ALBUQUERQUE, Karine. Autismo: Importância da Detecção e Intervenção Precoces. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento** - Vol. 01, p 488-502 , Abril de 2017.

American Psychiatry Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

APA - ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM**. 4 ed. Texto Revisado. Tradução Claudia Dornelles. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BRITO, Ana Paula Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Brunna Alves da. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. Cadernos da Fucamp. Uberlândia, v.20, p. 15, 2021

CAVACO, N. **Minha criança é diferente?** Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais especiais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

CARVALHO, Márcio Pedrote de; SOUZA, Luciana Sant`Ana de; CARVALHO, Jair Antonio de. Síndrome de Asperger: considerações sobre espectro do autismo. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína: Abril 2014.

CASTILHO, EWV. O papel da escola para a educação inclusiva. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, p. 108- 119, 2009.

COLAÇO, Wênia Lira. **Panorama histórico e político-legal das pessoas com transtorno do espectro autista no Brasil**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 31, 2018.

CORREA, Willian Ayala; SALLA, Jéferson; BARROS; Elaine Ferreira Rodrigues de; OLIVEIRA, Ailton Souza de. Inclusão do aluno com transtorno de espectro autista na escola regular: analisando a prática pedagógica de dois professores do ensino médio. Brazilian Journal of Development. Curitiba, v.7, p.21, 2021.

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. **Outra Sintonia: a história do autismo**. Companhia das Letras, 2017.

EVÊNCIO, Kátia Maria de Moura; FERNANDES, George Pimentel. História do Autismo: Compreensões Iniciais. Id on Line **Rev. Mult. Psic.**, 2019, vol.13, p. 133-138. Disponível em: 3186 (emnuvens.com.br) , acessado dia: 02/09/2022 às 14h.

FERNANDES, Adriano Hidalgo. Formação do professor para a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na rede regular de ensino. Escola Pública Paranaense. Paraná, p. 17, 2017.

KLIN, Ami. Autismo e Síndrome Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Porto Alegre. 2006.

LIBERALESSO, Paulo; LACERDA, Lucelmo. **Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências**. Curitiba : 1ª ed, 2020.

MULINK, James; SILVA, Micheline. Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas. **Psicologia Ciência e Profissão**, p. 116-131, 2009.

SANTOS, Regina Kelly dos; VIEIRA, Antônia Maira Emelly Cabral da Silva. **Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional**. Universidade Federal Rural do Semi-Árido. P. 232, 2017.

SOUZA, Emilaine Cristine do Nascimento. **A inclusão da criança com transtorno do espectro autista na Educação Infantil**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 54, 2018.

STEFFEN, Bruna Freitas; PAULA, Izabela Ferreira de; MARTINS, Vanessa Moraes Ferreira ; LÓPEZ, Mónica Luján. Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. **Revista Saúde Multidisciplinar: 6ª ed**, 2019.

STOCK, Adriana. **Quais são as teorias e as pesquisas sobre as possíveis causas do autismo**. Jornal Ação Popular, 2018. Disponível em: acaopopular.net , acessado dia 07/09/2022 às 15h:30 min.

TAMANAHARA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, 2008.

TEIXEIRA, Gustavo. **Mães geladeiras, vacinação e mitos do Autismo**. Instituto Priorit, 2016. Disponível em: [Mães geladeira, vacinação e os mitos do Autismo - Instituto Priorit](#) , acessado dia 07/09/2022 às 15h.

APÊNDICE –
QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

*Com o objetivo de realizar um estudo sobre **os desafios na inclusão da criança com Autismo** solicito sua colaboração no preenchimento deste questionário. Para tanto, propõe-se que você responda às perguntas abaixo.*

I. Identificação:

a) Graduação: _____

b) Pós-Graduação: _____

c) Nos últimos dois anos quais curso(s) participou na área da educação inclusiva; ou outra capacitação que lhe possibilitou atender melhor o aluno com TEA.

d) Quantos o total de alunos na sua sala? _____

e) Quantos alunos com Autismo? _____

f) Possui um professor auxiliar? Ou cuidador? Ou professor especializado? É suficiente este apoio para atender o aluno autista?

g) Foi sua primeira experiência com aluno autista?

II. Prática docente:

1. Alunos que apresentam o **Transtorno do Espectro Autista - TEA** têm se feito cada vez mais presentes na sala de aula. Então, pergunto: **Como você avalia o seu trabalho frente à educação inclusiva no sentido de promover a interação e aprendizagem de todos?**

() Excelente

() Bom

() Regular

Justifique: _____

2. Como foi para **você receber um aluno** com Autismo? Comente um pouco sobre esse sentimento.

3. **Você encontra alguma dificuldade** para desenvolver seu planejamento com alunos que possuem Autismo?

4. **Como acontece o diagnóstico** de alunos que apresentam o TEA ou algum transtorno não identificado? Você faz identifica e faz o encaminhamento?

5. Quais as **estratégias pedagógicas** utilizadas por você para a inclusão de crianças autistas?

6. Como você avalia **o desenvolvimento** do seu aluno com Autismo ao final do ano?

() Excelente

() Bom

() Regular

Justifique: _____

7. Quais os **maiores desafios** enfrentados por você ao se trabalhar com alunos autistas?

() Falta de formação

() Escassez de recursos e materiais didáticos

() Ausência do apoio familiar

() Falta de uma coordenação pedagógica

() Falta de outros espaços pedagógicos na escola

() Falta de apoio especializado

Outros: _____

Agradecemos a colaboração nesta pesquisa!